LA DIFESA DELLA RAZZA

Vol. I

CIÊNCIA ● DOCUMENTAÇÃO
POLÊMICA ● QUESTIONÁRIO

Libro & Moschetto
Fascista Perfetto

Anno I – Numero I // 5 Agosto 1938 - XVI

A Defesa da Raça

Vol. I

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

Racismo Italiano.....5
O Partido e o Racismo Italiano.....6
Raça e Percentual.....12
Evolução da Noção de Raça.....14
A Unidade Étnica da Nação Italiana na História.....18
Racismo.....26
A Raça e as Diferenças Raciais.....31
O Bastardo.....36
Os Problemas da Raça e a Oportunidade de um Inquérito Antropométrico sobre a População Italiana 38
Heranças Biológicas e Racismo.....40
Ambiente Natural e Caracteres Biopsíquicos da Raça Italiana.....44
Características da Romanidade.....51
Pode Existir um Racismo na Medicina?.....56
Uma Questão de Gênio.....60
O Edito de Caracala.....64
A Burguesia e a Raça.....67
Os Sete Pecados.....73
O Ódio Hebraico pelas outras Raças.....77
Os Jovens e a Raça Italiana.....80
Os Judeus e a Agricultura.....83
Controle do Movimento Cultura Judaico na Alemanha.....90

Racismo Italiano

Um grupo de estudiosos fascistas, docentes nas universidades italianas, sob a égide do Ministério da Cultura Popular, definiu nos seguintes termos qual é a posição do Fascismo em relação aos problemas da raça:

1. **AS RAÇAS HUMANAS EXISTEM.** — A existência das raças humanas não é uma abstração de nosso espírito, mas corresponde a uma realidade fenomênica, material, perceptível com nossos sentidos. Essa realidade é representada por massas, quase sempre imponentes, de milhões de homens, semelhantes por características físicas e psicológicas que foram herdadas e continuam sendo herdadas. Dizer que existem raças humanas não quer dizer, a priori, que existam raças humanas superiores ou inferiores, mas apenas que existem raças humanas diferentes.

2. **EXISTEM GRANDES RAÇAS E PEQUENAS RAÇAS.** — Não se deve apenas admitir que existam os grupos sistemáticos maiores, que comumente são chamados de raças e que são individualizados apenas por algumas características, mas também é preciso admitir que existem grupos sistemáticos menores (como, por ex.: os nórdicos, os mediterrâneos, os dináricos, etc.) individualizados por um maior número de características comuns. Esses grupos constituem, do ponto de vista biológico, as verdadeiras raças, cuja existência é uma verdade evidente.

3. **O CONCEITO DE RAÇA É UM CONCEITO PURAMENTE BIOLÓGICO.** Ele se baseia, portanto, em considerações diferentes daquelas dos conceitos de povo e de nação, fundados essencialmente em considerações históricas, linguísticas, religiosas. Porém, na base das diferenças de povo e de nação estão diferenças de raça. Se os Italianos são diferentes dos Franceses, dos Alemães, dos Turcos, dos Gregos, etc., não é apenas porque eles têm uma língua diversa e uma história diversa, mas porque a constituição racial desses povos é diversa. Foram proporções diversas de raças diferentes que, desde tempos muito antigos, constituem os diversos povos, quer uma raça tenha domínio absoluto sobre as outras, quer todas resultem harmoniosamente fundidas, quer, enfim, as diversas raças ainda persistam inassimiladas umas às outras.

4. **A POPULAÇÃO DA ITÁLIA ATUAL É DE ORIGEM ARIANA E SUA CIVILIZAÇÃO É ARIANA.** — Esta população e civilização ariana habita há vários milênios a nossa península; muito pouco restou da civilização dos povos pré-arianos. A origem dos Italianos atuais provém essencialmente de elementos daquelas mesmas raças que constituem e constituíram o tecido perenemente vivo da Europa.

5. **É UMA LENDA A CONTRIBUIÇÃO DE GRANDES MASSAS DE HOMENS EM TEMPOS HISTÓRICOS.** — Depois da invasão dos Lombardos, não houve na Itália outros movimentos notáveis de povos capazes de influenciar a fisionomia racial da nação. Daí decorre que, enquanto para outras nações europeias a composição racial variou notavelmente em tempos até modernos, para a Itália, em suas grandes linhas, a composição racial de hoje é a mesma daquela que era há mil anos: os quarenta e quatro milhões de Italianos de hoje remontam, portanto, em sua absoluta maioria, a famílias que habitam a Itália há um milênio.

6. **JÁ EXISTE UMA PURA "RAÇA ITALIANA".** — Este enunciado não se baseia na confusão do conceito biológico de raça com o conceito histórico-linguístico de povo e de nação, mas no puríssimo parentesco de sangue que une os Italianos de hoje às gerações que há milênios povoam a Itália. Essa antiga pureza de sangue é o maior título de nobreza da Nação italiana.

7. **É TEMPO DE OS ITALIANOS SE PROCLAMAREM FRANCAMENTE RACISTAS.** — Toda a obra que até agora o Regime realizou na Itália é, no fundo, racismo. Frequentíssima foi sempre, nos discursos do Chefe, a referência aos conceitos de raça. A questão do racismo na Itália deve ser tratada de um ponto de vista puramente biológico, sem intenções filosóficas ou religiosas. A concepção do racismo na Itália deve ser essencialmente italiana, e a um modelo físico e, sobretudo, psicológico de raça humana que, por seus caracteres puramente europeus, se destaca completamente de todas as raças extraeuropeias; isso quer dizer elevar o Italiano a um ideal de consciência superior de si mesmo e de maior responsabilidade.

8. **É NECESSÁRIO FAZER UMA NÍTIDA DISTINÇÃO ENTRE OS MEDITERRÂNEOS DA EUROPA (OCIDENTAIS), DE UM LADO, E OS ORIENTAIS E OS AFRICANOS, DO OUTRO.** — Devem, portanto, ser consideradas perigosas as teorias que sustentam a origem africana de alguns povos europeus e incluem também as populações semíticas e camíticas em uma raça mediterrânea comum, estabelecendo relações e simpatias ideológicas absolutamente inadmissíveis.

9. **OS JUDEUS NÃO PERTENCEM À RAÇA ITALIANA.** — Dos semitas que, ao longo dos séculos, aportaram ao solo sagrado de nossa Pátria, nada, em geral, restou. Também a ocupação árabe da Sicília nada deixou, a não ser a lembrança de alguns nomes; de resto, o processo de assimilação foi sempre rapidíssimo na Itália. Os judeus representam a única população que jamais se assimilou na Itália, porque é constituída por elementos raciais não europeus, absolutamente diferentes dos elementos que deram origem aos Italianos.

10. **AS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS E PSICOLÓGICAS PURAMENTE EUROPEIAS DOS ITALIANOS NÃO DEVEM SER ALTERADAS DE MODO ALGUM.** — A união só é admissível no âmbito das raças europeias; nesse caso, não se deve falar de hibridismo propriamente dito, dado que essas raças pertencem a um tronco comum e diferem apenas por algumas características, ao passo que são iguais em muitíssimas outras. O caráter puramente europeu dos Italianos é alterado pelo cruzamento com qualquer raça extraeuropeia e portadora de uma civilização diferente da milenar civilização dos arianos.orientação, ariano-nórdica. Isso, porém, não quer dizer introduzir na Itália as teorias do racismo alemão tais como são, nem afirmar que os Italianos e os Escandinavos sejam a mesma coisa. Mas quer apenas indicar aos Italianos um modelo físico e, sobretudo, psicológico de raça humana que, por seus caracteres puramente europeus, se destaca completamente de todas as raças extraeuropeias; isso quer dizer elevar o Italiano a um ideal de consciência superior de si mesmo e de maior responsabilidade.

O Partido e o Racismo Italiano

O Ministro Secretário do Partido recebeu, em 26 de julho XVI, um grupo de estudiosos fascistas, docentes nas universidades italianas, que, sob a égide do Ministério da Cultura Popular, redigiram ou aderiram às proposições que estabelecem as bases do racismo fascista.

Estavam presentes os fascistas: Dr. Lino Businco, assistente de Patologia Geral na Real Universidade de Roma; Prof. Dr. Lidio Cipriani, encarregado de Antropologia na Real Universidade de Florença, diretor do Museu Nacional de Antropologia e de Etnologia de Florença; Prof. Dr. Arturo Donaggio, diretor da Clínica Neuropsiquiátrica da Real Universidade de Bolonha, presidente da Sociedade Italiana de Psiquiatria; Dr. Leone Franzi, assistente na Clínica Pediátrica da Real Universidade de Milão; Prof. Dr. Guido Landra, assistente de Antropologia na Real Universidade de Roma; Hon. Sen. Prof. Nicola Pende, diretor do Instituto de Patologia Especial Médica da Real Universidade de Roma; Dr. Marcello Ricci, assistente de Zoologia na Real Universidade de Roma; Prof. Dr. Franco Savorgnan, professor titular de Demografia na Real Universidade de Roma, presidente do Instituto Central de Estatística; Hon. Prof. Sabato Visco, diretor do Instituto de Fisiologia Geral da Real Universidade de Roma e diretor do Instituto Nacional de Biologia junto ao Conselho Nacional de Pesquisas; Prof. Dr. Edoardo Zavattari, diretor do Instituto de Zoologia da Real Universidade de Roma.

O Ministro da Cultura Popular participou da reunião. O Secretário do Partido, ao elogiar a precisão e a concisão das teses, lembrou que o Fascismo vem praticando, há 16 anos, uma política racista que consiste — por meio da ação das instituições do Regime — em realizar um contínuo melhoramento quantitativo e qualitativo da raça. O Secretário do Partido acrescentou que o Duce, várias vezes — em seus escritos e discursos — acentuou a “raça” italiana como pertencente ao chamado grupo dos indo-europeus.

Também neste campo, o Regime seguiu uma orientação fundamental própria: primeiro a ação, depois a formulação doutrinária, a qual não deve ser considerada acadêmica, isto é, um fim em si mesma, mas sim determinante de uma ação política ulterior e precisa.

Com a criação do Império, a raça italiana entrou em contato com outras raças; deve, portanto, proteger-se de qualquer hibridismo e contaminação. Leis "racistas" nesse sentido já foram elaboradas e aplicadas, com fascista energia, nos territórios do Império.

Quanto aos judeus, eles se consideram há milênios, em toda parte e também na Itália, uma "raça" diferente e superior às outras, e é notório que, apesar da política tolerante do Regime, os judeus têm constituído, em todas as nações — com seus homens e seus meios —, o estado-maior do antifascismo.

O Secretário do Partido anunciou, por fim, que a atividade principal dos institutos de cultura fascista no próximo ano XVII será a elaboração e a difusão dos princípios fascistas em matéria de raça, princípios que já despertaram tanto interesse na Itália e no mundo.

Esta revista surge no momento certo. A primeira fase da polêmica racista está encerrada, a ciência se pronunciou, o Regime proclamou a urgência do problema. Pode-se fazer algo de útil apresentando aos italianos não os termos de uma doutrina, que já encontrou sua formulação mais simples e eficaz, mas sua necessidade irrenunciável e seu vasto alcance. Com a conquista do Império, isto é, com a assunção de responsabilidades históricas cada vez maiores, a Itália deve dar ao problema racial a primazia que lhe cabe, tanto do ponto de vista estritamente biológico quanto do dos costumes. A Itália de ontem, arrastada por forças estranhas a seu gênio particular para tarefas estranhas à sua vocação, podia ignorar o racismo e julgá-lo anacrônico; a Itália fascista não poderia se recusar a considerar e a afirmar a si mesma como uma unidade racial poderosa e segura, no momento em que numerosos povos diversos passaram para sob seu domínio e exigem uma rígida organização hierárquica no quadro do Império; enquanto um racismo antiquíssimo e agressivo, o mais feroz e delirante racismo teológico, o judaísmo, ameaça abertamente a sociedade humana e tenta submetê-la a seus fins inadmissíveis, com a cumplicidade de povos e partidos miseravelmente corrompidos. A lógica íntima do Fascismo leva à exaltação do conceito de raça; e, mais do que do conceito, dos valores concretos da raça, valores biológicos e étnicos, sangue e gênio, com os quais se constrói concretamente o futuro do povo italiano, na imensa empreitada que Mussolini conduz: restituir à Itália seu rosto, sua força e sua missão no mundo.

Esta revista, embora tenha uma estreita unidade de concepção e de inspiração, divide-se em seções, tantos quantos são os setores nos quais o racismo italiano conduzirá sua obra: ciência, documentação, polêmica. Divulgaremos aqui, com o auxílio de camaradas estudiosos das várias disciplinas atinentes ao problema, os conceitos fundamentais nos quais se funda a doutrina do racismo italiano; e demonstraremos que a ciência está conosco; porque nós estamos com a vida, e a ciência não é senão a sistematização de conceitos e de noções nascidos do p nos dará modo de demonstrar quais são as forças que se opõem à afirmação de um racismo italiano, por que se opõem, por quem são movidas, quanto valem, como podem ser destruídas e como serão destruídas.

E faremos, enfim, a polêmica. Isto é, combateremos contra as mentiras, as insinuações, as deformações, as falsidades, as estupidezes que acompanharão esta afirmação fascista do orgulho racial, esta libertação da Itália dos caracteres remissivos que lhe foram impostos, esta soberba restituição de seu verdadeiro rosto por tanto tempo ignorado. A polêmica será o sal no pão da ciência, portanto: sem exageros.

Assiste-nos, nesta empreitada, a vontade mussoliniana de “seguir em frente”; a solidariedade do Partido, que já desenvolve uma ação resoluta por meio de sua poderosa organização central e periférica; e o orgulho de raça, que é “clara consciência onipresente de raça”.

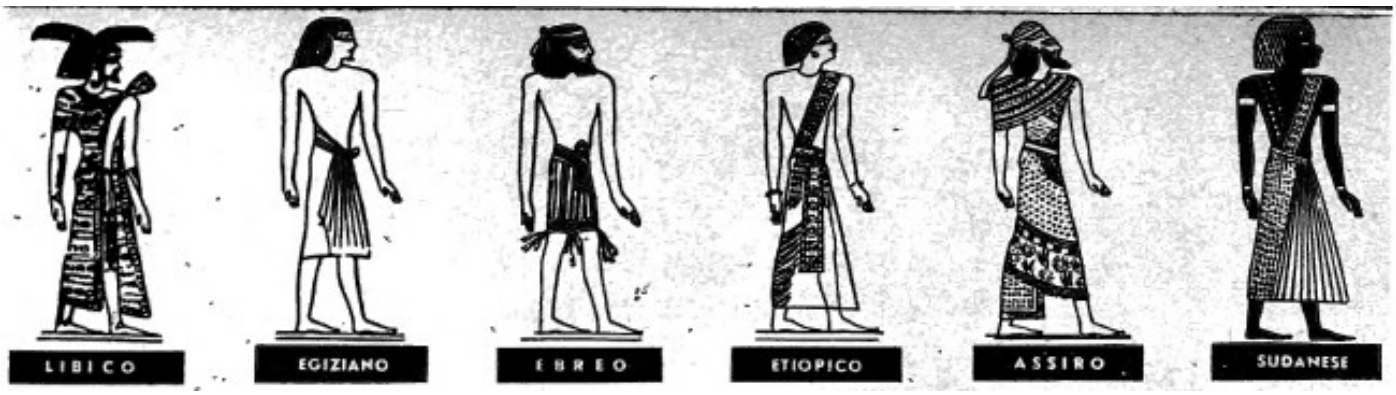
T. I.erene fluir da vida do homem. Também a ciência tem sua moral, e é uma moral humana.

Nós nos ocuparemos da documentação; a qual nos dará modo de demonstrar quais são as forças que se opõem à afirmação de um racismo italiano, por que se opõem, por quem são movidas, quanto valem, como podem ser destruídas e como serão destruídas.

E faremos, enfim, a polêmica. Isto é, combateremos contra as mentiras, as insinuações, as deformações, as falsidades, as estupidezes que acompanharão esta afirmação fascista do orgulho racial, esta libertação da Itália dos caracteres remissivos que lhe foram impostos, esta soberba restituição de seu verdadeiro rosto por tanto tempo ignorado. A polêmica será o sal no pão da ciência, portanto: sem exageros.

Assiste-nos, nesta empreitada, a vontade mussoliniana de “seguir em frente”; a solidariedade do Partido, que já desenvolve uma ação resoluta por meio de sua poderosa organização central e periférica; e o orgulho de raça, que é “clara consciência onipresente de raça”.

T. I.



Também entre as raças menores, a diferença entre os vários povos de um mesmo grupo étnico é viva desde a mais remota antiguidade: os pintores egípcios, por exemplo, depois de haverem reproduzido as características físicas de cada tipo, coloriam-no segundo uma escala de tons que correspondia a uma verdadeira classificação de raças: vermelho para os egípcios, amarelo para os asiáticos, negro para os africanos e branco para os homens do norte. Neste friso decorativo, que os arqueólogos fazem remontar a 1300 anos antes da era cristã, desfilam os exemplares das raças que compunham a população estabelecida no antigo Egito, na época dos Faraós.

OS JUDEUS CONCORREM EM PROPORÇÃO MAIS ALTA		
AOS SEGUINTES DELITOS	EM	TANTAS VEZES
1. Usura (Desonestidade no crédito)	Alemanha Áustria Hungria	29,05 75,45 4,88
2. Bancarrota	Alemanha Áustria Hungria	12,62 8,79 28,20
3. Fraude	Alemanha Áustria Hungria	3,27 4,02 2,02
4. Difusão de literatura obscena, ultraje ao pudor	Alemanha Holanda	2,04 5,01
5. Chantagem	Alemanha Hungria	1,61 1,45
6. Recusa ao cumprimento das obrigações militares	Alemanha Áustria	2,16 1,59
7. Transgressões das obrigações decorrentes de sentenças judiciais	Alemanha Áustria Hungria	2,01 2,22 2,07

8. Falsificação de documentos	Alemanha Hungria	2,33 1,68
9. Ofensa, calúnia	Alemanha Holanda	1,31 1,61

OS NÃO JUDEUS CONCORREM EM PROPORÇÃO MAIS ALTA		
AOS SEGUINTES DELITOS	EM	TANTAS VEZES
1. Resistência à autoridade do Estado	Alemanha Áustria Hungria Holanda	3,63 1,60 2,56 2,18
2. Rapto	Alemanha Áustria Hungria Holanda	5,55 8,73 7,43 15,83
3. Furto	Alemanha Áustria Hungria Holanda	2,84 1,66 1,87 1,90
4. Infração aos regulamentos sobre42 pt a ordem pública	Alemanha Áustria Hungria Holanda	2,00 3,30 2,91 1,59
5. Danos materiais	Alemanha Áustria Hungria Holanda	4,55 7,43 1,97 2,52
6. Assassinato (homicídio premeditado)	Alemanha Áustria Hungria	4,33 2,22 3,01
7. Incêndio doloso (e atentados contra ferrovias)	Alemanha Áustria Hungria	2,67 1,45 4,07
8. Lesões (também com resultado letal)	Alemanha Áustria Hungria Holanda	2,55 3,29 3,24 1,95

9. Aborto	Alemanha Áustria Hungria	1,19 1,25 4,42

Da obra do judeu A. Ruppin, “Os Judeus de Hoje”, publicada pela Bocca na tradução dos judeus Dante Lattes e Mosè Beilinson, com uma introdução filojudaica do prof. Enrico Morselli, reproduzimos estes quadros estatísticos relativos às qualidades éticas dos judeus segundo a disposição à criminalidade, em comparação com a criminalidade dos não judeus. Ruppin, judeu, diz: “A criminalidade dos judeus foi, nos últimos anos, objeto de muitas investigações, cujo resultado foi a constatação de que ela é, de fato, diferente, mas de modo algum maior que a dos cristãos”.

Vejamos em que consiste essa diversidade. Do exame dos dois quadros aqui reproduzidos — relativos às populações da Alemanha, Áustria, Hungria e Holanda, e aos anos de 1903-06 para a Alemanha, 1898-1902 para a Áustria, 1904 para a Hungria e 1902 para a Holanda —, resulta evidente que os delitos mais infamantes e vulgares são particulares aos judeus. Ruppin, judeu, justifica os crimes de fraude com a “maior esperteza dos judeus”. A diversidade fundamental da criminalidade é, para nós, outra prova da diversidade étnica das duas raças inconciliáveis.

Raça e Percentual

Os judeus italianos, e não apenas os italianos, vêm se agarrando nestes dias a uma espécie de tábua de salvação: as declarações de Mussolini a Ludwig nos colóquios realizados na primavera de 1932.

Detenhamo-nos na data: 1932. Desde então, muitos acontecimentos ocorreram na história da Itália e do mundo; é inútil enumerá-los, mas um deles supera todos os demais: o novo império de Roma. E o segundo é que o antifascismo mundial é de pura marca judaica.

Tomemos agora o livro à página 73 e examinemos atentamente o que ali é dito, sem esquecer que Ludwig é judeu.

"Naturalmente, diz Mussolini, não existe uma raça pura, nem mesmo a judaica. Mas é justamente de felizes miscigenações que muitas vezes derivam força e beleza para uma nação". Como se vê, Mussolini não leva, com estas declarações, nenhum balde d'água ao moinho judaico. Raças puras no sentido literal e arcaico da palavra já não existem, é verdade, mas existem, ainda assim, raças nitidamente individualizadas em seus caracteres somáticos e morais. Quanto aos cruzamentos, Mussolini os admite desde que sejam "felizes" e, mesmo nesse caso, só "muitas vezes", não "sempre", há consequências felizes.

Mussolini continua: *"Raça: isto é um sentimento, não uma realidade; 95% é sentimento"*. Também aqui os judeus não podem cantar vitória. À parte as porcentagens acrescentadas pelo judeu Ludwig, permanece o fato de que a raça existe sob o aspecto biológico e sob o sentimental, isto é, espiritual: pois também o sentimento é uma realidade.

Na mesma página, segue uma nota polêmica contra o racismo nórdico, e compreende-se por quê: ele partia, em seus primórdios no século passado, de uma desvalorização da raça italiana. "O orgulho nacional não tem absolutamente necessidade dos "delírios" de raça". Pode-se confirmar. Delírios de raça, não (o delírio é manicomial), mas "consciência" de raça, sim.

Nos "Colóquios" dizia-se que o antissemitismo não existia na Itália. Era 1932. Mas, de então até hoje, surgiu o "semitismo" no mundo e na Itália. Que tenha havido judeus patriotas e fascistas é absolutamente verdadeiro, mas é igualmente verdadeiro que houve judeus anti-italianos e antifascistas. Não foi pronunciada pelo judeu Treves a frase tremenda: "no próximo inverno, não mais nas trincheiras"?

Também nesta questão das raças há, no pensamento de Mussolini, acima das necessidades táticas de governo, uma coerência fundamental, e portanto é perfeitamente inútil que os judeus italianos decorem a página 73 do livro de Emilio Ludwig, que, na verdade, se chama Coen.

A diferença de raça é um conceito que se confunde com as origens da humanidade, como aparece nestes dois grupos de homens primitivos que descem em

Evoluço da

A noção de raça tem uma história tão antiga quanto a dos homens. Aliás, vai ainda mais longe e se perde nas profundezas da pré-história; pois os primitivos das cavernas — como escavações recentes demonstraram — levavam em conta, ao representar as figuras humanas retratadas em suas pinturas rústicas, as diversidades raciais.

Primitivos das Cavernas

Interessantes são, a esse respeito, as grutas de Miratoda, perto de Albacete, na Espanha; e as de algumas localidades da África do Sul, habitadas em tempos remotíssimos pelos bosquímanos.

As figuras humanas retratadas nas paredes dessas grutas têm as mesmas características físicas quando o tema da pintura é pacífico, mas, quando se trata de cenas guerreiras, os tipos físicos dos dois lados se diferenciam nitidamente; o que demonstra que as diversidades raciais causavam uma profunda impressão nas mentes rudes dos primitivos.

A civilização egípcia nos oferece uma documentação muito mais completa. Célebres são as pinturas do templo de Abido, edificado sob a 19ª dinastia, isto é, 1300 anos antes de Cristo: elas representam alguns tipos raciais bem diferenciados, também pela cor. Nas pinturas que ornamentam a tumba de Menoptah I, foram identificados nada menos que 12 tipos raciais.

Eva, a serpente e a raça

Os primeiros testemunhos escritos sobre a existência de uma noção de raça nos são fornecidos pela Bíblia. No livro do "Gênesis", onde se fala de Eva e da serpente, é dito: "Farei nascer o ódio entre ti e a mulher, entre a tua raça e a sua raça". O termo hebraico aqui usado é "Zera", que significa propriamente semente. Sempre no livro do "Gênesis", fala-se de raça a propósito da história da arca de Noé; e usam-se os termos "bassar" (que quer dizer carne) e "leminah" (que significa gênero ou espécie). Ainda mais precisa é a definição de raça que, no mesmo livro, é dada a propósito dos filhos de Noé. O termo usado é, desta vez, "iey", que a Vulgata traduz por "insulae gentium"; as raças são aqui, de fato, consideradas como ilhas disseminadas pela terra. Nasce assim o conceito de segregação racista, importantíssimo para compreender a história dos judeus.

Racismo intransigente na Bíblia

Do conceito de segregação passa-se facilmente ao de hostilidade contra as outras raças. No "Deuteronômio", com efeito, lê-se: "Vós exterminareis todos os povos que o vosso Deus deve deixar em vosso poder". No livro de Esdras chega-se ao verdadeiro racismo intransigente. Nele são rigorosamente proibidos os matrimônios com mulheres de outras gentes, e nele se prescreve fazer o recenseamento daqueles que desposam mulheres estrangeiras e expulsar tais mulheres e seus filhos: "Não deis vossas filhas aos filhos deles, não tomeis as filhas deles para casá-las com vossos filhos, e jamais busqueis a paz nem a prosperidade deles".

Homero e Aristóteles

interessou pelo problema da raça. Homero, Heródoto, Aristóteles nos dão indicações preciosas a esse respeito. A teoria dos autóctones, tão difundida na Antiguidade e mãe de tantas lendas, é uma confirmação da importância que então se atribuía à noção de raça.

É interessante saber que foi justamente da língua italiana que a ciência moderna importou o vocábulo raça, cuja origem primeira parece remontar ao latim *radix*.

Buffon e a "cor do clima"

Durante muito tempo, os cientistas modernos usaram esse termo com sentidos bastante imprecisos e sujeitos a oscilações consideráveis. Buffon, por exemplo, considerava que apenas o clima havia atuado sobre as diferenças raciais e afirmava que "o homem, branco na Europa, negro na África, amarelo na Ásia e vermelho na América, não é senão o mesmo homem tingido pela cor do clima". O outro grande naturalista, Lineu, nunca fala de raça, mas de espécie.

O primeiro a usar o termo raça em sentido rigorosamente antropológico foi

guerra, reprodução de pinturas rupestres existentes na caverna paleolítica de Minateda, na província de Albacete, na Espanha.

Noção de Raça

Kant, que definiu a raça como uma variedade constante, fixada pela ação do clima, capaz de se perpetuar e de misturar suas próprias características com as de outras raças.

O Transformismo

A essa relativa fixidez racial reagiu o alemão Blumenbach, dando origem à teoria do transformismo, que destaca de modo particular a capacidade que as raças têm de adquirir, ao longo de sua história, novas características e de transmiti-las por via hereditária.

A ciência contemporânea considera a questão da raça sob aspectos muito diversos, que dependem, mais do que da diversidade dos métodos científicos adotados, da notável distância entre os pontos de vista.

Os Céticos do Racismo

Há os céticos da raça, como Topinard, que afirma que a raça não passa de uma abstração da nossa mente. Sob nossos olhos há uma humanidade em contínua evolução, cujas características físicas estão sujeitas a infinitas mudanças: fixar essa evolução no tempo e no espaço, atribuindo às diferentes raças qualidades distintivas constantes, seria — segundo Topinard e seus seguidores — um verdadeiro arbítrio.

Há os místicos da raça, que, das diferenças entre uma raça e outra, inferem a superioridade de uma raça

sobre todas as outras. Costumam-se citar os estudiosos germânicos como precursores de tal teoria, mas é interessante saber que foram justamente dois franceses (!!) — Gobineau e Philarete Chasles — a se tornarem alguns de seus primeiros apóstolos.

A Entente Cordiale em bases racistas

Ambos sustentam a primazia da raça nórdica; o segundo tem uma predileção particular pela Grã-Bretanha, que ele define como “Terra clássica da coragem moral”. (A Entente Cordiale em bases racistas? Quem diria?).

Mas os verdadeiros teóricos do racismo contemporâneo são, como se sabe, os estudiosos germânicos, entre os quais mal é necessário citar Rosenberg. Grande alvoroço causou, em 1926, a tradução francesa do livro de um racista americano: “O declínio da grande raça”, de Madison Grant. A “grande raça”, para Grant, é a branca, ou mais particularmente a anglo-saxã, em nome da qual ele lança um grito de alarme. Grant afirma que a raça está na base de todas as manifestações da sociedade humana e ressalta a importância, para a determinação dos vários tipos raciais, das medições cefálicas.

...com a devida vênia aos franceses

Alguns estudiosos franceses tentam, por evidentes razões polêmicas, inverter o problema; e — como, por exemplo, Le Fur — afirmam que a noção de raça é efeito e não causa, isto é, que um povo se reconhece unido por vínculos raciais somente quando a história e a cultura criaram as verdadeiras bases de sua unidade. O que, com a devida vênia da “ciência” francesa, é desmentido pelos fatos, dos quais a exposição precedente pode ter dado, apesar de seu esquematismo, algum vislumbre.

A UNIDADE ÉTNICA DA NAÇÃO ITALIANA NA HISTÓRIA

I. — Quando, sob a égide de Roma, já garantidas a supremacia e a paz no Mediterrâneo, depois das guerras púnicas, foi se formando um estável equilíbrio político da península italiana, até então convulsionada por emigrações, guerras e conquistas de povos diversos e discordantes, também se acelerou rapidamente a união e a fusão das estirpes itálicas, todas já encaminhadas para as novas formas civis. Lígures, Etruscos, Úmbrios, Osco-samnitas, Celtas, Vênetos, Sículos e Gregos, que tantas vezes, entre suas vicissitudes, haviam sentido a necessidade daquela unidade e a haviam tentado, mais ou menos conscientemente, com maior ou menor fortuna, agora, reconhecido o predomínio de Roma como a única base segura para uma união duradoura, aceleravam o movimento já avançado da fusão.

A guerra social revelou o caminho percorrido por esse movimento, e, desde então, no primeiro século antes da era cristã, numa época verdadeiramente decisiva para a história da civilização, formou-se a unidade fundamental da nação italiana, que depois permaneceu firme ao longo dos séculos.

A criação do Império, nos tempos de César e de Augusto, deu a Roma uma nova potência, uma nova missão, uma nova estrutura; mas nada tirou da unidade étnica e política da península italiana, que permaneceu íntegra, com a estreita fraternidade das estirpes itálicas, ligadas pela comum civilização ariana e mediterrânea, além dos privilégios que garantiam à Itália, diante das outras regiões do Império, uma situação singular no direito de cidadania, no sistema de impostos, na posse e na transmissão das terras, nas formas dos contratos.

A Itália, mesmo diante do Império, continuou a permanecer uma unidade orgânica geográfica, étnica e jurídica,

nitidamente diferenciada de qualquer outra região e de qualquer outro povo, e teve desde então sua fronteira histórica nos Alpes Ocidentais, nos Alpes Centrais e nos Alpes Orientais; teve desde então sua fronteira histórica voltada para os três mares, que a delimitavam nitidamente, com as grandes ilhas tirrênicas, Sicília, Sardenha e Córsega, e com os arquipélagos menores do Tirreno, do Jônio e do Adriático, todos reconhecidos como partes integrantes do desenvolvimento e da defesa da península.

Na vasta e diligente descrição do orbe romano, realizada por Plínio, a descrição da Itália é particularmente cuidadosa, com observações que ainda correspondem às características étnicas e morais das várias regiões italianas; e essa descrição se encerra com uma máxima altamente significativa, que reflete por inteiro a unidade geográfica, étnica, moral e administrativa da península, e revela desde então a autonomia biológica e espiritual da nação italiana: *Haec est Italia Diis sacra*. Portanto, não Roma, ou uma região da península; mas a Itália, em sua orgânica plenitude, criadora do Império, por uma missão histórica, consagrada aos Deuses.

II. — O fundo étnico da população italiana resulta, desde aqueles tempos, já formado; e, se excetuarmos as consequências das invasões germânicas, entre o terceiro e o oitavo século d.C., não sofreu desde então verdadeira perturbação. Sobre a base de antigas estirpes mediterrâneas, já encaminhadas para a civilização, haviam-se sobreposto as estirpes arianas, sucedidas nas invasões, e havia-se formado, na variedade das linhagens, uma unidade fundamental também étnica. Os poucos resíduos de elementos líbicos ou fenícios haviam sido absorvidos pelas estirpes autóctones ou sobrevindas. Lígures, Etruscos, Úmbrios, Celtas, Gregos, juntamente com os outros grupos étnicos, já não formavam senão variedades singulares de regiões e de povos. Havia-se formado uma fraternidade espiritual, uma língua comum, um costume fundamentalmente igual, um sistema jurídico uniforme. Também as linhas da agregação étnica eram então quase idênticas em todas as regiões italianas, e se distinguiam das de outros países: um sistema de cidades, dispostas com grande frequência no território e constituídas em município; em torno das cidades, no âmbito da prática municipal, um sistema de pagi (circunscrições rurais), com uma sede principal e com aldeias e centros coloniais. As classes da população, distinguidas sobretudo pela posse de honras públicas ou de riquezas, eram semelhantes em toda parte: optimates, proprietários livres ou mercadores, artesãos, colonos ou servos. Estava prestes a se estender, sobre a antiga variedade politeísta, uma única religião revelada.

A alegoria da Deusa Tellus, representada na decoração escultórica da Ara Pacis Augustae

Mas, nas avassaladoras vicissitudes, o núcleo da população, formado pelos legionários que haviam combatido e criado um vastíssimo Império, havia se enfraquecido. Os Italianos abandonavam a milícia e eram substituídos por bárbaros contratados para a defesa do Império. Sobrevinha, no terceiro século, uma profunda e insanável crise econômica, que parecia querer arrastar consigo a civilização. As invasões germânicas, contidas por vários séculos, lançavam-se sobre o mundo romano e o abalavam. O Império do Ocidente caía, e formavam-se os reinos bárbaros. Também a Itália formava um reino, primeiro sob Odoacro, chefe de várias estirpes de aventureiros germânicos, Hérulos, Esciros, Turcilíngios; depois com os Godos, sob Teodorico e Atalarico; finalmente, após a breve reconquista de Justiniano, sob os Lombardos, que, não tendo podido ocupar toda a península, causaram seu desmembramento.

É difícil avaliar, ainda que apenas aproximadamente, o novo fator étnico que se sobrepôs à antiga população da península. Já desde o século III, seguindo uma política instaurada pelos imperadores, haviam ocorrido numerosos assentamentos bárbaros: o exército romano já era constituído, então, em grande parte, por bárbaros. Mais tarde, as invasões trouxeram para a península algumas massas de Germanos, com mulheres, velhos, crianças e servos, em forma de migrações. Parece que os Ostrogodos, que invadiram a Itália sob o comando de Teodorico, por volta de 489 d.C., formavam uma massa de cerca de quinhentas mil pessoas, e os Lombardos,

que os seguiram quase oitenta anos depois, formavam provavelmente uma massa semelhante, talvez em número um pouco menor: cerca de trezentos mil.

Mais tarde ainda, mesmo com as novas conquistas bárbaras, não houve migrações de povos: a conquista franca trouxe à Itália um certo número de famílias dominantes, instaladas nos feudos, mas não verdadeiros assentamentos estrangeiros. Assim os imperadores da casa saxônica ou suábia.

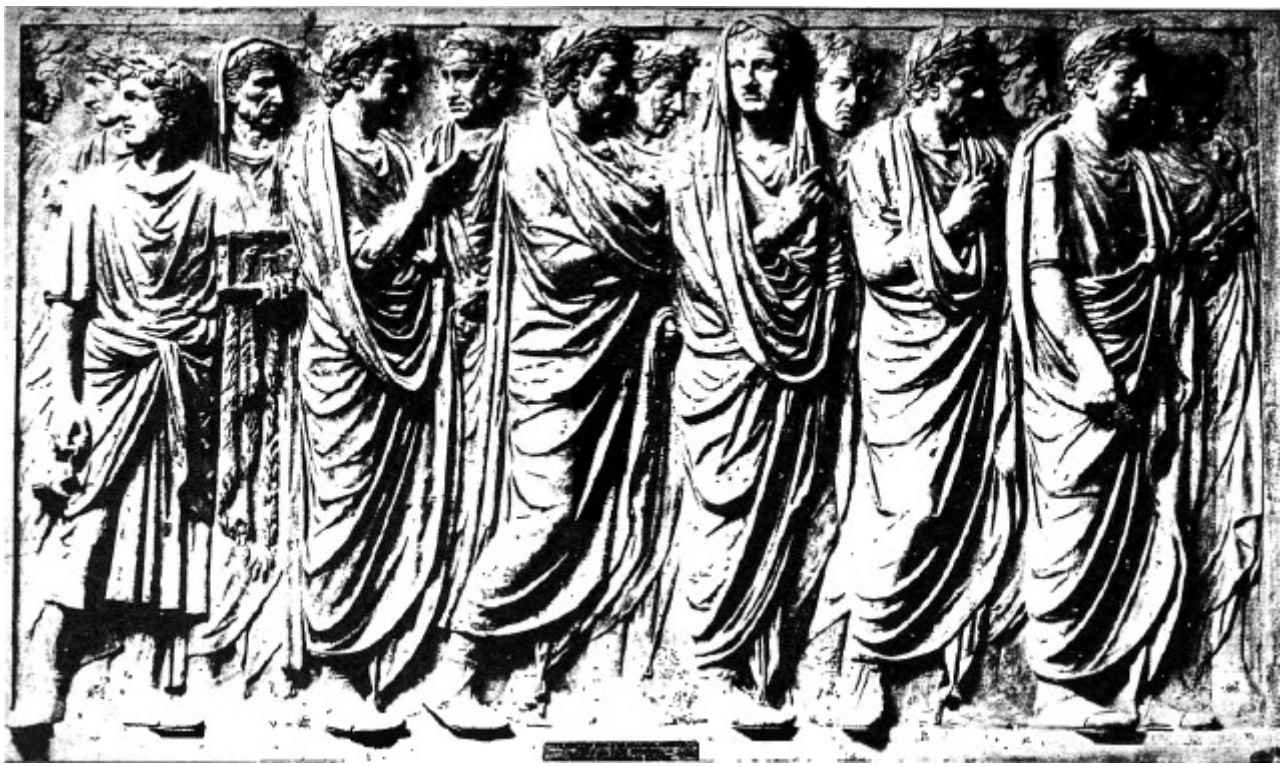
Nem houve assentamentos notáveis nas outras partes da península. A conquista árabe da Sicília, no decorrer do século IX, custou muito sangue e trouxe também certo número de dominadores; mas sabe-se com precisão que as cidades sicilianas conservaram intactas suas populações, e os campos não viram mudadas as mãos trabalhadoras. Assim também a conquista normanda, no fim do século XI, foi obra de audazes condottieri vindos do norte, em fileiras densas, sem dúvida, mas não muito numerosas: aqueles valorosos guerreiros valeram-se sobretudo das populações locais, urbanas e rurais, no longo cinquentenário de suas empresas, favorecendo suas aspirações ou formando para elas uma sólida organização; mas não modificaram o fundo das estirpes autóctones.

Se a população da Itália, nos tempos de Augusto, pode ser calculada em cerca de doze milhões, mesmo admitindo algum posterior adelgaçamento, é claro que ela não pôde sofrer, por efeito das invasões, senão uma modesta modificação em sua estrutura orgânica.

III. — Profundo, ao contrário, foi o abalo moral provocado por aquelas vicissitudes sobre a população italiana, que, nas agitações das formas civis e na superioridade ideal do cristianismo, havia perdido o hábito das armas e tivera de sofrer as violências dos invasores. Sob o choque, também os Italianos retomaram o uso das armas e se prepararam mais uma vez para se pôr em condições de forjar seus próprios destinos.

A nova organização teve por base as cidades, particularmente numerosas na Itália. Entre o século IX e o século XI, com uma nova disciplina militar, forma-se o Município; e, com o Município, prepara-se o renascimento das forças civis, prontas a criar o grande fenômeno italiano do Renascimento.

Nesse período, realiza-se, de fato, a fusão dos vários elementos sobrevindos, que se soldam ao tronco do antigo tipo romano, mantido fundamentalmente íntegro; e dele nasce o novo tipo romano-itálico, com suas características marcadamente nacionais, destinado a realizar o esforço titânico do renascimento e a criar, com uma antecipação de alguns séculos em relação aos outros países, as formas da civilização moderna.



Altas personalidades romanas, de traços francos e severos, representadas nos baixos-relevos da Ara Pacis

Com o surgimento dos Municípios, afirma-se a hegemonia do povo italiano, que, nas guerras, nos comércios, nos bancos, no pensamento, nas letras, nas artes, alcança uma primazia universalmente reconhecida. Os Italianos percorrem com fortuna todos os países da Europa e do Mediterrâneo: difundem o novo pensamento civil; estreitam as relações de comércio com as cidades da França, de Flandres, da Inglaterra e da Alemanha; ensinam as primeiras formas do crédito bancário; levam por toda parte os exemplos mais perfeitos da arquitetura e das artes figurativas; dão vida e ordenamento à cultura científica, criando, em formas típicas, os institutos universitários; organizam, nas corporações, as formas mais perfeitas do trabalho; sobre as bases do estudo do direito romano, criam o direito comum, que, acolhido em todos os países civilizados, torna-se a base do direito civil moderno. Uma soberba fileira de santos, de guerreiros, de pensadores, de artistas, de cientistas, de viajantes, todos com nome italiano e com características francamente e tipicamente italianas, trabalham tenazmente para criar a nova história, formar uma civilização mais perfeita e mais digna, dar vida a um novo ordenamento civil e a um novo pensamento e uma nova civilização.

Mesmo dentro do respeito ao universalismo, determinado pelas grandes instituições da época, o Império e a Igreja, e mesmo nos contrastes das cidades e das regiões, muitas vezes em discórdia, afirma-se vivo e enérgico o sentimento nacional, que ressoa nas

proclamações da Liga Lombarda, expressa-se nos incitamentos a expulsar o estrangeiro (como na carta dos Florentinos para a luta contra Henrique VII) e irrompe sangrento nas Vésperas Sicilianas.

Nenhum elemento étnico de algum relevo vem, nesse período, entre o século XI e o século XVI, perturbar, de qualquer modo, a raça italiana, que trabalha incessantemente pelo progresso da civilização. Ela alcançou suas formas típicas na linguagem, que assumiu as características de língua literária e produziu as sublimes obras-primas da literatura do Trecento e do Quattrocento; na arquitetura e nas artes figurativas, onde o gênio italiano atinge uma perfeição insuperada; no pensamento religioso e filosófico, onde o exemplo de São Francisco e o ensinamento de São Tomás de Aquino abrem caminho para os arrojamentos do pensamento moderno, até os prodígios de Leonardo da Vinci e dos filósofos do Renascimento; e assim em todas as outras expressões do pensamento. Os diplomatas, os viajantes, os arquitetos, os pregadores, os mercadores, os docentes italianos, em todos os países da Europa, são chamados, acolhidos, reconhecidos, respeitados ou adversados. A boa raça romano-itálica espalha a mãos cheias a semente da civilização e deixa, em todos os campos, sinais admiráveis de sua passagem. Ela tem, desde então, características inconfundíveis, e é por todos facilmente identificada e distinta.

O predomínio espanhol na Sardenha e na Sicília, o domínio angevino em Nápoles não trazem senão alguma família de feudatários, de senhores ou de soldados estrangeiros; mas nada deslocam na composição da raça. Assim, nenhuma modificação substancial se produz com o ingresso na península de grupos albaneses, trazidos à costa adriática ou à Sicília, ou de grupos eslavos, acolhidos nas regiões orientais da Itália, para serem salvos da barbárie turca. Esses elementos estrangeiros, mesmo conservando sua individualidade e sua língua, não tardam a se adaptar ao novo ambiente e, de todo modo, não ferem a natureza típica da raça. Os próprios elementos israelitas, remanescentes no seio de algumas de nossas cidades ou vindos, por sucessivos assentamentos, das várias regiões onde eram perseguidos, tratados com base na condição jurídica do estrangeiro, e por isso admitidos e respeitados, conservam sua típica individualidade, sem influir em nada sobre a raça indígena, que mantém íntegros seus caracteres biológicos e étnicos.

IV. — Mas, enquanto isso, também sob influência e exemplo italianos, formam-se os grandes Estados estrangeiros, França e Espanha, mais tarde Áustria e Alemanha; e esses Estados aspiram ao predomínio sobre a Itália, considerada o país mais rico, mais civilizado, mas militarmente mais fraco. O juízo era exato. Começam as descidas dos exércitos estrangeiros, e a Itália perde sua autonomia e, em parte, suas riquezas e seu esplendor.

Friso decorativo da Ara Pacis: Augusto, precedido pelos lictores, e a família imperial

Mas a raça, mesmo ensombrecida, permanece intacta. Sofre os saques dos exércitos estrangeiros; é perturbada por fortes epidemias, que devastam os centros urbanos mais populosos; é condenada a suportar o domínio e a administração de funcionários espanhóis ou austríacos, que a depauperam; é obrigada a guerras contínuas, todas por interesses alheios, e a dar a essas guerras, sob bandeiras alheias, seus melhores capitães e seus filhos mais numerosos e mais escolhidos.

Mas, na decadência, sob o predomínio estrangeiro, preparam-se lentamente as forças da ressurreição. Enquanto, cavaleiro dos Alpes Ocidentais, se delineia o Estado nacional e a dinastia, que deverão atuar politicamente por essa ressurreição, cumpre-se na Itália, no século XVIII, uma profunda revolução, a revolução das Reformas, que revela íntegras, jovens, frescas as forças da raça, a qual deverá realizar, no espaço de cerca de um século, o esforço titânico do Ressurgimento. A população das cidades e dos campos cresce rapidamente; as indústrias e os comércios retomam vigor; o gênio da estirpe se revela nas invenções mais originais, que preparam o triunfo da ciência e da mecânica em todos os campos da atividade humana; o trabalho italiano, na arquitetura, nas artes, nas grandes obras públicas, volta a se difundir na Europa e no Mediterrâneo, com ímpeto maravilhoso.

O triunfo das armas napoleônicas reafirma as cadeias da servidão estrangeira, mas espalha um grande

fermento de liberdade e ensina mais uma vez a todos os Italianos o valor das armas para a defesa da independência e da civilização. Aquele povo, que parecia sonolento, embrutecido e servil, já no fim do século XVIII mostra-se capaz das reações sangrentas das Páscoas Veronesas, das revoltas de Varese, de Binasco e de Pavia, dos obscuros e heroicos feitos antifranceses dos "lazzaroni" napolitanos. Pouco mais tarde, organizado nas fileiras napoleônicas, participa amplamente, com sangue generoso, das vitórias sobre a Áustria e das guerras da Espanha, e realiza os prodígios da Moscova e da Beresina.

A independência e a unidade italianas, desde então, tornam-se a exigência histórica e, portanto, a realidade mais relevante da Europa do século XIX. Mas, constituídas essa unidade e essa independência, revela-se plenamente a energia da raça italiana no rápido aumento da população; a Itália vê, por cerca de meio século, por exigências de vida e de trabalho, o grandioso fenômeno da emigração continental, mediterrânea e transoceânica, que depaupera sua população em cerca de meio milhão de unidades a cada ano e que lhe rende o significativo atributo de "grande proletária".

Mas os novos tempos já estão maduros. A guerra líbica, a guerra mundial revelam as virtudes do povo italiano. Na guerra mundial, combatida com prodígios de valor, caem 670 mil combatentes; mas, diferentemente do que acontece com os outros exércitos da Entente, trata-se do mais puro sangue nacional. Nas tratativas de paz de Paris, a Itália se apresenta como a nação etnicamente mais fundida da Europa, quase imune a elementos estrangeiros (o percentual das chamadas minorias nacionais estrangeiras, presentes no território, mesmo após a aquisição do Alto Ádige e das zonas orientais, não atinge 3%).

Surge o Fascismo com seu ímpeto revolucionário e com sua potência reconstrutora. As primeiras providências de Mussolini, dirigidas ao povo, voltam-se para os fins da elevação das classes trabalhadoras e da defesa da integridade e da saúde da raça. A "grande proletária" torna-se, em poucos anos, a potência mais forte e mais respeitada da Europa e é conduzida ao fausto do Império. O sistema corporativo, a Obra Maternidade e Infância, a Obra Dopolavoro, a Obra Balilla, a Juventude Italiana do Littório, a Milícia Nacional são todas instituições protetoras da raça.

O povo italiano, alçado acima das antigas tristezas, assume sua marca típica, inequívoca. Ele revela sua índole espiritual, fundada em bases biológicas nitidamente diferenciadas, e por isso se apresenta, entre os povos da Europa, em sua massa orgânica e em seus elementos constitutivos, como um tipo à parte, derivado das linhagens de Roma e reforçado por novos cruzamentos civis, rico das tradições históricas mais

gloriosas e mais remotas, forte pela sanidade fundamental de seus germes vitais, pronto para o trabalho mais duro e mais genial, maduro para os maiores destinos.

ARRIGO SOLMI
Ministro da Graça e Justiça

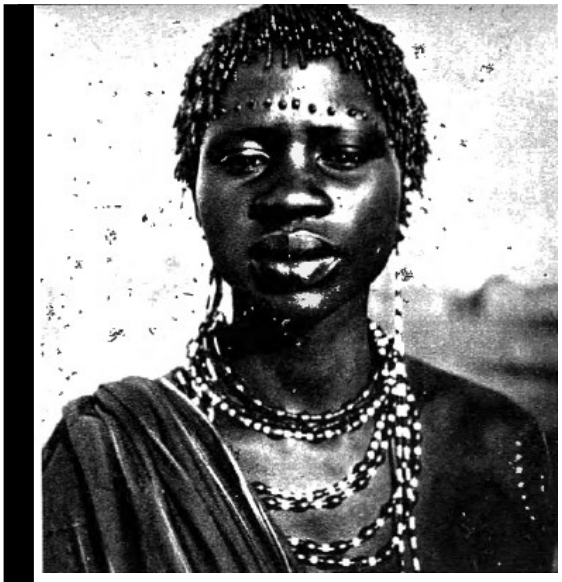
Racismo

A decidida tomada de posição dos estudiosos fascistas a respeito dos problemas de raça foi saudada, não há dúvida, com sincero entusiasmo por todos os italianos. Era tempo, de fato, que também entre nós se passasse a examinar, com propósitos superiores, as qualidades inerentes por motivos biológicos à nossa gente e se promovesse um movimento para convencer a generalidade dos cidadãos dos elevados motivos pelos quais é dever transmitir tais qualidades inalteradas e, se possível, melhoradas; que cada um, além disso, até nas camadas mais baixas, fosse instruído sobre o que representa como entidade biológica, para induzi-lo, nas mais variadas circunstâncias, a se comportar sem lesar a dignidade da raça: aquela grande raça à qual não por acaso "tanto deve a civilização de todos os continentes".

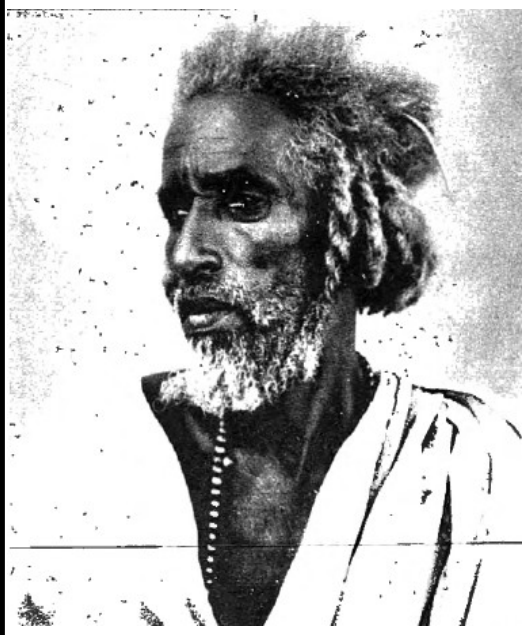
Repito, é tempo de formarmos uma consciência esclarecida de nós mesmos enquanto seres vivos submetidos às leis da natureza universal e de vermos quanto, em nossas obras e em nosso sucesso no mundo, é favorecido por um substrato biológico particular; de compreender que esse sucesso nos faltaria se alterássemos tal precioso substrato; que, em conclusão, nem todo fenômeno cultural, e portanto tampouco político ou econômico, é compatível com qualquer tipo de homem. Em outros termos, ninguém deve hoje ignorar a existência de determinados, sensibilíssimos valores de raça, isto é, inatos, na base de tudo o que dá consistência, impulso e dinamismo a uma nação e à sua civilização. Não cuidar disso, e portanto enveredar pelo caminho de alterar esses valores — coisa mais que fácil sem controle rígido e contínuo! — poderia, pois, equivaler ao empobrecimento ou até mesmo ao ocaso de uma civilização.

Aos olhos do antropólogo, habituado a investigar as causas biológicas do devir das nações, todo o passado da humanidade fala nesse sentido. Assim, parecem-lhe claros os perigos cada vez mais graves dos contatos raciais desregrados do presente e a situação nada brilhante do futuro, a menos que se tomem providências draconianas. Sacrossanta é, portanto, a cruzada proclamada em defesa, também em sentido biológico, da nossa raça. Aliás, será preciso dizer desde já: “ai dos transgressores!”, porque eles, comprometendo a Itália de amanhã, ainda que seu mau proceder resultasse — e não é pouco! — em legar aos pósteros o fardo inabalável, penoso e perigoso dos mestiços na colônia. Quem ainda quererá gerá-los, uma vez trazidas à luz as consequências desproporcionais de um egoístico instante de fraqueza?

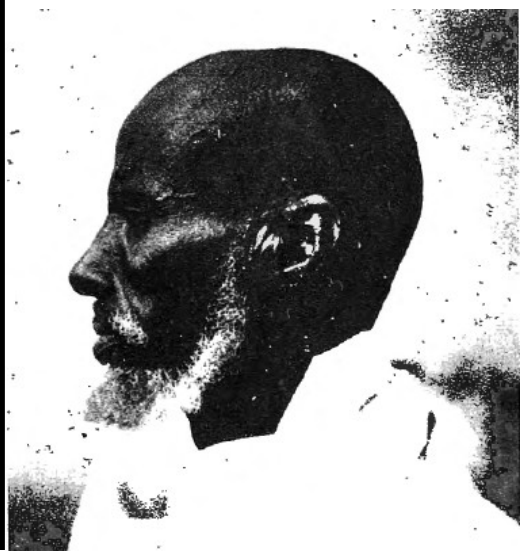
Considerar os contatos raciais no sentido mencionado — não esgotado, é óbvio, apenas nas relações com os homens de cor, nem muito menos limitado aos africanos — não é novidade para a ciência. O problema foi, aliás, debatido repetidamente também na Itália e, entre outros, por Paolo Mantegazza. Nos diversos países, porém, as discussões a esse respeito permaneceram por muito tempo obscuras, porque reduzidas demais à pura especulação, sem terem a coragem de passar abertamente às aplicações práticas nas sociedades humanas. Mas agora, em várias nações, e sobretudo na Alemanha depois do advento de Hitler, promulgam-se leis contra determinados cruzamentos;



Tipo Negro Scillu



Tipo Betgi (Eritreia



Tipo Maighida (Somalilândia)

para impedir que certas raças transponham certos limites geográficos, ou para reconduzir ao lugar de origem elementos étnicos que deles saíram e se revelaram indesejáveis em meio a outros; para isolar ou até eliminar certos detritos humanos socialmente inassimiláveis e semelhantes. Para esse fim, revelaram-se preciosas as deliberações de sociedades científicas e de congressos reunidos expressamente, bem como a imponente literatura surgida em consequência. Do círculo restrito de poucos estudiosos, essas ideias se ampliaram até se tornarem ideias de Estado. De um movimento desse gênero, nós não podíamos deixar de participar dignamente.

Quais são os princípios que mais se afirmaram nesse vigoroso surgimento de uma verdadeira antropologia política? Deve-se reconhecer como comum entre eles a tendência a dividir a humanidade em pelo menos três categorias, isto é: homens pertencentes a raças capazes de criar a civilização; ou, inversamente, apenas suscetíveis de recebê-la; ou, pior ainda, refratárias a ela. Na Alemanha acrescenta-se uma quarta distinção, para uma humanidade incapaz de civilização própria e com tendência ao parasitismo social, além de destruidora daquilo que outros edificam. De alguns lados, porém, objeta-se que, desse modo, não se teria, como alguns pretendem, uma divisão entre raças superiores e raças inferiores no sentido de raças mais ou menos dotadas de energias. Sustenta-se, de fato, que a soma das energias é uma constante em todo tipo humano, de modo que um lado — por exemplo aquele em que se destacam as chamadas raças criadoras — é mais rico porque subtrai dos demais.

À parte essas discussões, permanece o fato de que as categorias mencionadas são estabelecidas partindo das faculdades mentais, isto é, atribuindo a elas valor supremo entre os motivos pelos quais devem ser mantidas bem distintas entre si; admite-se, em suma, que, nas raças, as características psíquicas diferem não menos que as somáticas, e com efeitos por vezes deletérios no cruzamento. Está aí, aliás, um dos pilares do racismo, juntamente com o outro, o do vínculo indissolúvel — governado pelas rígidas leis da hereditariedade biológica — entre natureza racial e elevação de espírito, entre raça e civilização. Tornam-se assim fáceis as deduções sobre o destino dos povos que, sem discriminação, recebem sangue de raças estranhas a eles.

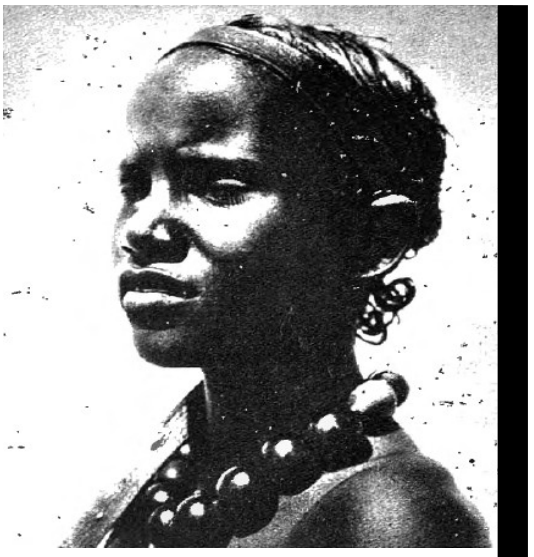
Para rejeitar afirmações semelhantes, alguns alegam a inconveniência de estender ao homem princípios cujo paralelo, dizem, se encontra na zootecnia; de instaurar, portanto, uma antropotécnica que regule com critérios zoológicos a criação humana. A objeção, porém, não tem fundamento, uma vez que uma maneira de tratar os seres humanos na qual se dá a máxima importância aos valores do espírito não pode ter analogias entre os animais. Tampouco se choca com a religião, porque se propõe transmitir inalterado, ou, se fosse possível, melhorado, aquilo que Deus criou.

Tampouco deve surpreender a ideia-mãe do racismo, isto é, que a mentalidade difere de raça para raça: ela está nas próprias fontes da antropologia, nascida justamente das antigas escolas psicológicas. Embora ciência biológica por excelência, pôs, portanto, em sua base uma disciplina estranha, em aparência, à biologia. Isso porque se percebeu em todos os tempos que as tendências morais, as paixões e, em geral, as aptidões intelectuais caracterizam os povos tanto quanto, se não melhor que, as propriedades somáticas. É típica, a esse respeito, a descrição dos habitantes da Gália feita por César; e se poderia recuar muito na história com outros exemplos. Mais próximo de nós, Buffon antepôs o dado psíquico ao somático em seu exame sobre as "variedades da espécie humana". O dado psíquico aparece ainda mais categoricamente no diagnóstico dos quatro grupos humanos de Lineu e na denominação de *Homo sapiens* por ele aplicada à humanidade inteira. Conceitos afins se encontram em Kant, autor de uma famosa "Antropologia pragmática" que, juntamente com numerosas obras de escritores posteriores, prova novamente que, antes das observações anatômicas, foram as diferentes mentalidades dos grupos étnicos que inspiraram os estudos dos quais se desenvolveu a antropologia moderna: muitas vezes esquecida de seu ponto de partida. Mais do que no passado, ao contrário, e com meios renovados de investigação, os antropólogos deverão retornar aos critérios psicológicos e proclamar a hereditariedade dos valores espirituais nas raças. Esta é uma tarefa assumida há tempos pela antropologia italiana e, em particular, pela antiga e gloriosa escola florentina.

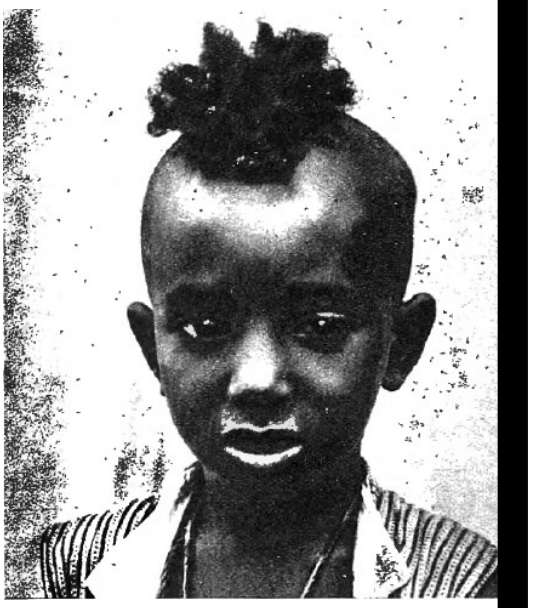
A ideia de raça fundada predominantemente nos dados psíquicos, como fizeram Buffon, Lineu e Kant, recebeu notável atenção de escritores de vários tipos, entre eles historiadores e até romancistas. As polêmicas surgiram vivas e por vezes brilhantes, mas, como recorreram de modo inadequado à etnologia e à história, fizeram pouco a pouco as discussões passarem do campo biológico para o campo apenas cultural. Os verdadeiros biólogos, nesse meio-tempo, calaram-se. Sem que se percebesse, chegou-se assim a uma aceitação elástica da palavra hereditariedade, aplicada para explicar, nos povos, a transmissão de costumes e até de ideias especiais: confundiu-se, em suma, hereditariedade biológica com hereditariedade social. Em consequência, o racismo inicial foi perdido de vista e esquecido. É preciso retornar a ele com as luzes próprias da ciência atual e finalmente utilizar para fins sociais aquilo que de melhor sabemos sobre as diferenças inatas das raças humanas.

LIDIO CIPRIANI

Encarregado de Antropologia na Real Universidade de Florença, Diretor do Museu Nacional de Antropologia e de Etnologia de Florença



Tipo Igiurtino Somali (Som. Italiana)



Tipo De Scek (Eritreia)

Tipo Barea (Eritreia)

A Raça

Que os homens estejam divididos em grupos diversos uns dos outros é opinião difundida; não igualmente difundido e preciso é o conceito da humanidade dividida em raças.

Comumente, ao falar de grupos humanos, toma-se por base diferenças nacionais, linguísticas e religiosas: fala-se assim de Franceses, de Alemães, de Russos, ou então de Latinos, de Germânicos, de Eslavos, ou, por fim, de Católicos, de Protestantes e de Ortodoxos. Para ter nítida a ideia de uma humanidade distinta em raças, é preciso afastar da mente todas essas categorias tradicionais e considerar os indivíduos com o olhar do naturalista, como simples individualidades biológicas.

Assim considerada, a humanidade se apresentará distinta em grupos cuja distribuição pode coincidir, mas pode também não coincidir, com as divisões tradicionais, nacionais, linguísticas e religiosas.

GRANDES RAÇAS E PEQUENAS RAÇAS

Considerando agora os homens com o mesmo critério naturalista que serviu para estabelecer a distinção entre brancos, negros e amarelos, mas com maior atenção, vê-se como, na realidade, as grandes raças podem ser subdivididas em raças menores. Essas pequenas raças são as unidades sistemáticas elementares, homogêneas e bem definidas, que correspondem às variedades dos animais e das plantas. Elas não são abstrações do nosso pensamento, mas são entidades que existem realmente na natureza, e não nos resta senão reconhecê-las.

E as Diferenças Raciais

Todos os indivíduos de uma determinada raça menor se assemelham entre si por numerosos caracteres, e essa semelhança é hereditária. Isso não quer dizer que todos os indivíduos pertencentes a uma raça devam ser entre si absolutamente iguais como duas gotas d'água, mas apenas que os diversos caracteres quantitativos e qualitativos oscilam como um pêndulo em torno de um valor médio, próprio de cada raça. Esses indivíduos, ao se reproduzirem, dão descendentes que se comportam como os progenitores, repetindo para cada característica sempre a mesma amplitude de oscilação. Desse modo, cada raça é, por certos caracteres, irrevogavelmente encadeada dentro de determinados limites, dos quais, enquanto se mantiver pura, jamais pode sair.

Cada homem tem, portanto, uma personalidade muito diferente conforme a raça da qual se origina. Essa personalidade é o resultado de fatores hereditários, que atuam há séculos e que podem sempre transparecer sob a leve camada formada pelas novas condições de vida.

O homem que pertence a uma raça criadora de uma grande civilização tem em si mesmo, no próprio plasma e no próprio germe, tesouros imensos. Esses tesouros faltam e sempre faltarão aos homens de outra raça, ainda que, também por razões contingentes, falassem a mesma língua, professassem a mesma religião e vestissem a mesma nacionalidade.

A cor da pele, que poderia parecer um caráter inteiramente superficial, é a expressão de uma íntima diferença estrutural de alguns estratos da própria pele. A observação banal de que, ao se tomar sol, fica-se moreno difundiu a opinião de que, em relação ao ambiente, pode variar facilmente esse caráter externo do homem. Ora, é preciso observar que, na pigmentação da pele, uma coisa é a coloração adquirida, que pode variar no mesmo indivíduo conforme as diferentes condições do ambiente, e outra coisa é a coloração hereditária. Essa pigmentação hereditária constitui um caráter racial de grande importância. Os negros levados como escravos para a América vivem junto das populações brancas há alguns séculos, nas mesmas condições de vida, e no entanto permaneceram sempre negros. Todos sabem que os Escandinavos estão entre as populações mais claras do mundo, e também muito claros são os Finlandeses, mas ainda mais ao norte dos Escandinavos e dos Finlandeses vivem os Lapões, povo de origem asiática, que continua a permanecer moreno porque esse é o caráter de sua raça.

OUTROS CARACTER EXTERNOS

Assim como a cor da pele, também a dos olhos e dos cabelos constitui caracteres diagnósticos importantes para a discriminação das raças humanas. As várias tonalidades de cabelo louro e os olhos claros encontram-se geralmente apenas entre as populações da Europa e se transmitem de geração em geração, em qualquer ambiente, como demonstram os descendentes dos colonos europeus que vivem também nos países mais tórridos. Os cabelos apresentam, além disso, nas raças humanas, diferenças notáveis de forma, que vão dos cabelos crespos, enrolados em espirais minúsculas, de algumas raças da África, aos cabelos ondulados dos Europeus, aos cabelos lisos e rígidos dos Asiáticos e dos indígenas da América.

A forma do nariz varia muitíssimo nas raças humanas: em geral, o nariz com aberturas estreitas acompanha a pele clara e os cabelos ondulados dos Europeus; o nariz largo encontra-se junto da pele escura e dos cabelos crespos ou espiraliformes dos Negros; e o nariz médio, junto da pele amarelada e dos cabelos lisos e rígidos dos Mongóis. Mas a forma do nariz pode servir para fazer distinções muito mais sutis; de fato, ele é reto nos Europeus de tipo nórdico ou mediterrâneo, é aquilino nos de tipo dinárico, é côncavo nos de tipo báltico e se apresenta de modo inteiramente diverso nos Judeus que vivem com os Europeus, ccia está a forma da abertura palpebral. Assim, é conhecida a chamada prega mongólica da pálpebra, mas a pálpebra humana apresenta muitíssimas variações raciais, todas herdadas.

Passando ao exame de outros caracteres, as raças humanas diferem muito umas das outras pela estatura, que pode variar das estaturas baixíssimas dos Pigmeus às altíssimas de alguns Negros e de alguns Europeus, para não falar dos indígenas da América; com a estatura, variam muitíssimo nas raças humanas as proporções dos segmentos corporais.

DIFERENÇAS ESTRUTURAIS ÍNTIMAS

O que foi dito mostra claramente como uma raça difere da outra por diferenças estruturais íntimas que abrangem todos os órgãos e sistemas. São conhecidas as diferenças nas várias partes do esqueleto, sobretudo do crânio cerebral e facial, das quais dependem as diferentes formas da cabeça e do rosto. A cabeça do homem pode apresentar-se, nas diversas raças, alongada e estreita, ou curta e larga, ou intermediária; tem-se assim a dolicocefalia, a braquicefalia e a mesocefalia. O rosto pode apresentar-se, no perfil lateral, projetado para a frente ou reto, distinguindo-se assim faces prognatas (Negros) ou ortognatas (Europeus). Além do esqueleto, os músculos, as vísceras e as glândulas mais importantes, os órgãos genitais externos, apresentam diversas variações raciais de forma e de dimensão.

De extraordinária importância são as variações dos sulcos e dos giros do

cérebro humano, razão pela qual, nas diferentes raças, existe uma frequência diversa de uma determinada variedade de giros, e em outra raça, outra variedade; essa diferença da sulcatura cerebral é uma diferença grosseira, mas também a estrutura íntima do córtex cerebral varia nas raças humanas.

Essas diferenças estruturais nos diversos órgãos e sistemas fazem com que também as diferentes funções não se desenvolvam nas diversas raças do mesmo modo, de modo que, além de diferentes morfologicamente, as diversas raças são também diferentes fisiologicamente.onstituindo o conhecido e característico nariz semita.

Entre os caracteres externos de grande importância está a forma da abertura palpebral. Assim, é conhecida a chamada prega mongólica da pálpebra, mas a pálpebra humana apresenta muitíssimas variações raciais, todas herdadas.

Passando ao exame de outros caracteres, as raças humanas diferem muito umas das outras pela estatura, que pode variar das estaturas baixíssimas dos Pigmeus às altíssimas de alguns Negros e de alguns Europeus, para não falar dos indígenas da América; com a estatura, variam muitíssimo nas raças humanas as proporções dos segmentos corporais.

DIFERENÇAS ESTRUTURAIS ÍNTIMAS

O que foi dito mostra claramente como uma raça difere da outra por diferenças estruturais íntimas que abrangem todos os órgãos e sistemas. São conhecidas as diferenças nas várias partes do esqueleto, sobretudo do crânio cerebral e facial, das quais dependem as diferentes formas da cabeça e do rosto. A cabeça do homem pode apresentar-se, nas diversas raças, alongada e estreita, ou curta e larga, ou intermediária; tem-se assim a dolicocefalia, a braquicefalia e a mesocefalia. O rosto pode apresentar-se, no perfil lateral, projetado para a frente ou reto, distinguindo-se assim faces prognatas (Negros) ou ortognatas (Europeus). Além do esqueleto, os músculos, as vísceras e as glândulas mais importantes, os órgãos genitais externos, apresentam diversas variações raciais de forma e de dimensão.

De extraordinária importância são as variações dos sulcos e dos giros do cérebro humano, razão pela qual, nas diferentes raças, existe uma frequência diversa de uma determinada variedade de giros, e em outra raça, outra variedade; essa diferença da sulcatura cerebral é uma diferença grosseira, mas também a estrutura íntima do córtex cerebral varia nas raças humanas.

Essas diferenças estruturais nos diversos órgãos e sistemas fazem com que também as diferentes funções não se desenvolvam nas diversas raças do mesmo modo, de modo que, além de diferentes morfologicamente, as diversas raças são também diferentes fisiologicamente.

O SANGUE

O conceito de que o sangue de uma raça humana seja diferente do de outra é muito difundido também entre as pessoas cultas: essa opinião baseia-se em dados de fato estritamente científicos, que foram intuídos pelos povos antes mesmo de serem conhecidos pelos cientistas. O estudo dos grupos sanguíneos mostrou como as diversas raças diferem umas das outras por uma diferente porcentagem de grupos sanguíneos. A distribuição geográfica dos grupos sanguíneos em uma determinada área acompanha uma distribuição semelhante dos outros caracteres raciais. Os grupos sanguíneos dos Italianos de algumas regiões são muito semelhantes aos grupos sanguíneos dos Alemães, dos Suecos e dos Noruegueses, sinal evidente do sangue nórdico comum. Inversamente, os grupos sanguíneos dos Judeus em todos os países da Europa se destacam nitidamente daqueles das diversas populações nacionais.

Outras diferenças fisiológicas muito notáveis referem-se à diversa época de maturidade sexual das diferentes raças, à diferente prolificidade, ao diverso ciclo vital. Estritamente ligadas às diferenças fisiológicas estão as patológicas, pelas quais os indivíduos de raça diferente reagem de modo muito diverso às mesmas causas patogênicas.

Compreende-se assim como também a psique dos homens de raça diversa seja profundamente diferente, dado que, efetivamente, os homens de raça diversa são seres diferentes por estrutura íntima, formados por um processo milenar de diferenciação e evolução, mas já bem fixos e característicos de cada raça.

Assim, parece pouco exata a opinião comum de que os homens sejam biologicamente todos iguais entre si.

Prof. Dr. **GUIDO LANDRA**
Assistente de Antropologia na
Real Universidade de Roma

O Bastardo

Poucos exemplos, rigorosamente documentados, mostrarão aos italianos como as características físicas dos europeus são alteradas pelo cruzamento com qualquer outra raça. E é ainda vivo em todos a lembrança da ocupação da Renânia por parte de tropas de cor francesas. Durante a permanência na zona do Reno, nasceram da união de soldados marroquinos e annamitas com mulheres alemãs muitos mestiços, que permanecem a testemunhar a vergonha sofrida pela Alemanha.

Figura 1. Eis os frutos do imundo hibridismo, tão caro aos franceses: crianças de pai marroquino e mãe alemã, nascidas durante a ocupação do Ruhr

Figura 2 - Outro resultado do desastroso antirracismo francês: um híbrido franco-anamita.

A figura 1 mostra dois rapazes nascidos de pai marroquino e mãe alemã. Os traços “arianos” foram suplantados por traços dominantes e, de fato, o indivíduo representado nos números 1 e 2 mostra, nos cabelos encaracolados e no nariz largo e achatado, para não falar de outros traços, a influência “negróide”, enquanto o indivíduo indicado nos números 3-4 tem marcado no rosto o tipo “oriental”. Os marroquinos, como todos sabem, não são negros, mas mediterrâneos africanos. Assim fica documentada a conveniência, estabelecida no manifesto do racismo fascista, de fazer uma distinção nítida entre os europeus e os mediterrâneos africanos e orientais.

A figura 2 nos mostra a fotografia de um rapaz nascido de pai anamita e mãe europeia; notem-se os numerosos traços “mongóis” que esse rapaz apresenta. A mesma figura também chama a atenção para um traço particular dos mongóis, que se reproduziu tal e qual no cruzamento; mostra, de fato, a característica prega da pálpebra chamada “prega mongólica”, que esconde, do lado medial, a carúncula do olho.

Esses dois exemplos mostram a trágica irresponsabilidade da França, que, com suas tropas de cor, contaminou todas as regiões onde, desgraçadamente, se estendeu o seu poder. Pense-se que, em condições talvez piores que as da Renânia, está hoje a Córsega, com suas numerosas guarnições de tropas de cor!

Outros exemplos típicos de cruzamentos nos são dados pela mistura de chineses com mulheres europeias. Calcula-se que na Europa vivam pelo menos 500 famílias de pai chinês e mãe europeia, sobretudo na Inglaterra, França e Alemanha, mas essas famílias bastardizadas não faltam nem mesmo na Itália. O centro de difusão dessas famílias parece ser Paris e Lyon; em Paris existe até uma escola chinesa para as crianças filhas de chineses e europeias.

As figuras 3 e 4 mostram algumas dessas famílias em que o pai é chinês e a mãe francesa. Nenhum comentário é necessário para notar as numerosas influências mongólicas nos produtos do cruzamento.

Os exemplos apresentados até aqui referem-se aos produtos da mistura ou do cruzamento de mulheres europeias com homens marroquinos, chineses e anamitas, pertencentes, isto é, a raças que certamente não se podem chamar de inferiores. Note-se, além disso, que os produtos do cruzamento viveram no ambiente europeu favorável, e, no entanto, a influência do cruzamento foi igualmente desastrosa. Os últimos exemplos que trazemos, representados nas figuras 5 e 6, mostram, por sua vez, as trágicas consequências do cruzamento em terra africana com raças muito distantes da nossa. Trata-se dos descendentes dos colonos holandeses que, já há muitos anos, uniram-se às mulheres indígenas de raça “hotentote”.

São estes os bastardos de Rehoboth das antigas colônias alemãs da África do Sudoeste.

Esses indivíduos foram fotografados há trinta anos por Eugen Fischer; e foram refotografados poucos anos atrás por Lichtnecker.

As figuras reproduzem, portanto, os mesmos indivíduos quando crianças e quando adultos, e vê-se claramente como, com o passar dos anos, se acentuam cada vez mais as características da raça hotentote. Esperamos que estes poucos exemplos levem os italianos a pensar.

G. L.

Do cruzamento entre camponeses holandeses estabelecidos na África e membros da tribo dos bosquímanos e da famosa “Vênus hotentote” aqui fotografada. A importância que os estudiosos de antropologia atribuem a este monstro da natureza deriva do fato de que ele representa não um exemplo excepcional dos resultados a que pode conduzir a prática da mestiçagem, mas o exemplar mais perfeito de um tipo humano, dotado de características hereditárias e, portanto, permanente, que conta às centenas os seus exemplares. Na África do Sul, onde se verificaram os cruzamentos entre bôeres e bosquímanos, esses exemplares formaram, no século passado, uma minúscula sociedade batizada pomposamente por seus componentes com o nome de “Nação dos Bastardos”:

Figura 3 - Chinês o pai, francesa a mãe, bastardos os filhos

Figura 4 - Uma criatura de traços híbridos e vulgares é o fruto do cruzamento entre um chinês e uma europeia

Figuras 5 e 6 - Eis rapazes adultos — os bastardos de Rehoboth, descendentes dos colonos holandeses e das mulheres hotentotes

OS PROBLEMAS DA RAÇA

E A OPORTUNIDADE DE UM INQUÉRITO ANTROPOMÉTRICO SOBRE A POPULAÇÃO ITALIANA

A tomada de posição do Fascismo em relação ao problema da raça, as proposições que a esse respeito foram feitas, a atividade, anunciada pelo Secretário do Partido, que o Regime pretende desenvolver nesse campo, no ano XVII, põem, a meu ver, em primeiro plano a oportunidade de realizar uma vasta investigação antropométrica sobre os italianos. Cabe ao Exército italiano a honra de ter dado o primeiro exemplo na Europa de uma investigação antropométrica completa, vasta e uniforme: a Antropometria militar do general médico Ridolfo Livi, publicada em 1896.

Cabe ao Exército italiano a honra de ter dado o primeiro exemplo na Europa de uma investigação antropométrica completa, vasta e uniforme: a Antropometria militar do general médico Ridolfo Livi, publicada em 1896.

A investigação de Livi revelou as principais características antropológicas de 300.000 soldados recrutados com as classes de alistamento de 1859-63 (21,7 por cento da população masculina total). A vasta cultura de Livi nos campos da antropologia, da etnologia e da história fez da obra por ele realizada um modelo do gênero, que todos os estudiosos, na Itália e no exterior, levaram em conta também em novas pesquisas. Pode-se dizer que ela não foi precedida, em extensão de investigação, nem pelo trabalho de Baxter por ocasião da mobilização geral para a guerra de secessão dos Estados Unidos da América, nem pelo do astrônomo e matemático Gould, que compreende 1 milhão e 232 mil observações. Posteriormente, podem-se citar a Antropologia Sueca de Retzius e Fürst, de 1900, e, entre as mais recentes, a de Lundborg e Linders, de 1926.

Depois do inquérito de Livi, não faltaram na Itália levantamentos antropométricos, mas trata-se de investigações limitadas a pequenos grupos, que não podem ser considerados representativos da Nação inteira.

Queremos recordar, a esse propósito, a investigação antropométrica realizada pelo Ministério da Guerra em 1929 com 1900 militares, investigação que foi realizada sobretudo para testar a adequação prática da ficha de levantamento e do instrumental escolhido. Essa investigação — que foi aprovada pelo Duce — merece ser citada também porque foi precedida de estudos aprofundados realizados pelo Instituto Central de Estatística, com vistas a

estendê-la a uma massa considerável de militares.

Também deve ser lembrado que, em consequência das recomendações do Conselho Superior de Estatística, estão atualmente em curso os estudos para uniformizar os levantamentos destinados à avaliação física dos esportistas.

A investigação de Livi, que considera os nascidos há 70 anos, não pode hoje satisfazer às necessidades atuais de conhecer a fundo as características antropológicas da população e da raça italiana. Muitos fatos vieram, com a Guerra de redenção nacional e com a Revolução fascista, modificar alguns traços importantes: novos e importantes núcleos de população se reuniram aos já existentes; importantes correntes de migração no interior do Reino tendem a fundir algumas características do Norte e do Sul; a política voltada para a saúde da estirpe também pode ter influído na modificação de alguns traços somáticos.

Uma investigação antropométrica conduzida em larga escala parece, portanto, hoje, mais do que oportuna. Ela poderá mostrar quais características físicas se apresentam com maior frequência na raça italiana, medir seus desvios em relação ao tipo médio e normal, a variabilidade e os extremos (campo de variação), e determinar as características diferenciais da pequena raça italiana em comparação com outras que fazem parte da grande família indo-europeia. Os antigos levantamentos feitos por Livi fornecerão elementos úteis de comparação.

A disponibilidade de instrumentos modernos mais aperfeiçoados para as medidas antropométricas (e sobretudo de instrumentos já estudados e experimentados), os métodos de levantamento mais precisos, a possibilidade de usar critérios estatísticos de tabulação e de elaboração mais perfeitos dão confiança de que os resultados de um vasto inquérito antropométrico seriam muito úteis não só do ponto de vista puramente científico, mas também para a ação que o Regime se propõe a desenvolver no campo racial.

FRANCO SAVORGNAN

Caricatura de judeu, do século III, existente no “Rheinisches Landesmuseum”, de Tréveris.

HERANÇAS BIOLÓGICAS E RACISMO

A herança biológica consiste na transmissão dos caracteres morfológicos e fisiológicos da espécie pelos ascendentes. Segundo esse conceito, todos os caracteres de um indivíduo já estão presentes no óvulo fecundado, primeira célula do futuro organismo adulto, resultante da fusão do elemento germinal masculino com o feminino. Será, portanto, nas células germinais dos pais que se encontram encerrados os caracteres transmissíveis à prole. E, de fato, foi demonstrado que é a uma parte da célula sexual, mais precisamente à cromatina nuclear, que se deve a transmissão hereditária. Essa cromatina nuclear, nas células em atividade reprodutiva, mostra-se evidente sob a forma de corpúsculos, definidos por forma e número constantes na mesma espécie, que são chamados cromossomos; nestes, estudos posteriores precisaram a existência de unidades mais elementares — os genídeos —, alinhadas ordenadamente e bem individualizáveis, cada uma das quais é especializada na transmissão de um determinado caráter.

O mecanismo da transmissão hereditária, no que diz respeito à distribuição dos caracteres na prole, tornou-se acessível pelas deduções simples e claras que foram extraídas das experiências cuidadosas do abade Gregório Mendel, que levaram à enunciação das leis da hereditariedade.

O fato, porém, de que essas leis se baseavam na experimentação realizada em plantas ou animais nos quais se tinha em exame um só ou poucos caracteres fez com que sua aplicabilidade total ao homem tenha sido longamente discutida, nem ainda geralmente aceita. De fato, nas raças humanas, em muitos casos é

difícil discernir se as leis da hereditariedade foram ou não seguidas, e isso, além de pelo grande número de caracteres presentes, ainda mais pelo concurso, na determinação deles, da ação concomitante de um número até muito grande de genídeos; pois, se é verdade que cada genídeo é portador de um determinado caráter, não é menos verdade que um caráter pode ser o resultado da soma das ações de numerosos genídeos; basta, por exemplo, citar que, em um mosquitinho (Drosophila), muito estudado do ponto de vista genético, a investigação até agora revelou que mais de cinquenta genídeos concorrem para a formação do olho normal. Admite-se, contudo, de comum acordo que a hereditariedade mendeliana — obediente isto é, às leis da hereditariedade ou leis de Mendel — para vários caracteres humanos, tanto físicos, como, por exemplo, a cor dos olhos e dos cabelos, quanto psíquicos, como o senso artístico, e especialmente, por serem mais facilmente detectáveis, patológicos.

As maiores oposições se faziam e se fazem à hereditariedade dos caracteres mentais; de fato, costumava-se dar uma enorme importância aos fatores ambientais, tanto que se chegava a afirmar a absoluta dependência da formação do caráter individual em relação à educação recebida. Ora, se é verdade que o organismo humano possui em grau muito elevado as qualidades de adaptabilidade, não é, porém, errado pensar que a própria adaptabilidade esteja ligada a condições particulares do patrimônio hereditário; isto é, que a diferente reação individual às mesmas condições ambientais possa depender das características genéticas distintas de cada um. (Se assim não fosse, não se deveriam observar diferenças sensíveis entre os membros de uma comunidade criada nas mesmas condições ambientais; por exemplo, pode-se tomar o caso oferecido por um colégio, que deveria apresentar a uniformidade de seus componentes; ou o da família em que se observa que, nos filhos, apesar das condições semelhantes de vida que sustentaram o curso de seu desenvolvimento, existem muitas vezes profundas diferenças mentais, cuja explicação única é que se admita, para cada um deles, uma composição genética diferente.

Pode-se, portanto, dizer que também todas as características humanas dependem da hereditariedade daquelas dos predecessores, sem que com isso fique invalidado o fato de que elas podem, na prática, ser tornadas menos evidentes, ou até mesmo completamente obliteradas, pela influência de condições ambientais particulares.

Do que dissemos decorre que, mesmo que por várias gerações — e isso naturalmente com base no conceito da não hereditariedade dos caracteres adquiridos — procuremos provocar, por meio da administração de influências ambientais favoráveis, modificações em um indivíduo de qualquer modo geneticamente comprometido,

conseguindo talvez, desse modo, obter sua completa cura somática, não traremos com isso nenhum incremento ao melhoramento de uma raça, pois o indivíduo, embora somaticamente curado, continuará, no entanto, a transmitir à sua prole o caráter da doença, quando esta for, como dissemos, de origem genética. Pode-se até dizer que o tratamento continuado de indivíduos geneticamente comprometidos leva, do ponto de vista racial, ao resultado oposto, isto é, em última análise, a um agravamento da raça, pois cresce continuamente nela o número dos indivíduos portadores desses determinados caracteres doentes e, portanto, dos sujeitos diminuídos.

Consideremos, por exemplo, o caso de um indivíduo geneticamente afetado por disfunção hipotrófica da tireoide, alteração que, como se sabe, determina, entre outras coisas, uma forma de cretinismo; uma vez que a doença se deve à insuficiência da secreção da glândula, bastará, para normalizar o indivíduo em questão, a administração periódica de hormônio tireoidiano, obtendo-se com isso o desaparecimento total dos sintomas clínicos; isto é, o indivíduo voltará, graças à correção humoral por nós realizada, a ser completamente normal do ponto de vista somático. Mas, se ele se reproduzir, a doença poderá manifestar-se novamente em sua prole, que deverá, portanto, ainda, se se quiser mantê-la viva, ser submetida ao mesmo tratamento que havia sido administrado ao pai. O fato de que tal ciclo se repita a cada geração justifica as conclusões acima enunciadas.

Devemos agora pensar que esse exemplo da hereditariedade de um caráter patológico deve ser generalizado à hereditariedade de todos os caracteres do organismo. E se, então, tivermos presente a variedade do patrimônio hereditário que caracteriza as raças humanas e é a base de sua diferença, e que determinados caracteres de uma raça podem, vez por outra, apresentar condições de inferioridade em relação aos correspondentes de outra, já se poderá compreender bem qual é, do ponto de vista biológico, a desvantagem da introdução, na composição de uma raça provida de caracteres hereditários de qualquer modo valiosos, de indivíduos de outra raça cujo conjunto genético é desprovido de tais caracteres ou de outros semelhantes que os compensem adequadamente, ou, pior, provido de caracteres de inferioridade em relação a eles. De fato, da mistura se produzirá uma mestiçagem com consequente degeneração da raça originária de mais elevada estatura genética.

Ora, a raça italiana, tão rica em características, especialmente considerando as mentais, de um grau tão elevado que sempre, ininterruptamente ao longo dos séculos, deixou no campo da história de todas as maiores atividades humanas uma marca indelével de sua requintada genialidade, deve verdadeiramente ser colocada entre aquelas raças que mais devem zelar pela

conservação integral de seu patrimônio hereditário.

Que seja, portanto, aceito plenamente este são Racismo Fascista, todo voltado a tornar o italiano de Mussolini plenamente consciente da imensa série de valores, da imensa quantidade de nobres energias que são inatas em seu sangue generoso. Pois, quando ele tiver adquirido a consciência dessa sua elevada personalidade, será esse próprio fato, muito mais do que qualquer lei, mais que suficiente para que ele não permita que suas características raciais sejam de algum modo alteradas.

Dr. MARCELLO RICCI
Assistente de Zoologia
na Real Universidade de Roma

Ambiente natural e caracteres

Categóricos e infrangíveis são os vínculos que ligam os organismos ao ambiente; categóricos porque o organismo, por sua própria natureza de ser vivo, está necessariamente submetido aos fatores que, de todos os lados, o cercam e o pressionam, e, por conseguinte, deve ser estrutural e funcionalmente organizado de modo a harmonizar-se com eles; infrangíveis porque o organismo, enquanto ser vivo, depende dos fatores ambientais para o seu sustento, para a sua defesa, para a sua eficiência vital.

Essa lei biológica universal, que rege a vida de todos os organismos, aplica-se evidentemente também à espécie humana, de modo que cada raça possui um complexo anatômico e fisiológico próprio, típico, plenamente correspondente às exigências que lhe são impostas pelo ambiente em que vive. Todavia, o organismo humano tem, em comparação com o de muitos outros seres vivos, uma plasticidade maior e uma adaptabilidade mais ampla, de modo que é capaz de se transferir, sem grave dano, para ambientes bastante diversos; pode adaptar-se mais facilmente às mais diferentes contingências, seja em virtude dessa sua plasticidade natural, seja pelo fato de que, com a inteligência, consegue criar artificialmente ao redor de si um conjunto de condições plenamente ajustadas às suas necessidades inderrogáveis de existência.

Essa ação modeladora e seletora exercida pelo ambiente sobre a morfologia do homem se expressa de tal maneira que é inteiramente condizente com aquelas diferenças orgânicas verdadeiramente profundas que distinguem as grandes raças entre si; todavia, quando das grandes raças se passa aos grupos menores, essa ação, em vez de apenas se harmonizar com as características próprias de cada uma delas, se torna mais acentuada e mais impelente, de modo a contribuir verdadeiramente para modelar os grupos menores.

Assim, se menos profundas são, no âmbito das grandes raças, as diferenças somáticas que caracterizam os grupos individuais, e se muitas vezes se encontram, entre um mesmo grupo, caracteres morfológicos um tanto diversos e, por vezes, até comuns a grupos vizinhos, bem marcada é sempre, por outro lado, a diferenciação psíquica, que é a expressão mais típica da raça.

A Itália, cercada quase por inteiro pelo mar, contornada ao norte por uma alta cadeia de montanhas, percorrida em toda a sua extensão pela cadeia apenina, cortada por inúmeros rios, mostra já em sua estrutura física as características de um profundo dinamismo, a marca acentuadíssima de um movimento geral.

O mar sempre mutável e eternamente agitado; a montanha recortada, irregular, projetada soberbamente para o céu; o fluxo das águas impetuosas ou borbulhantes, descendo dos altos vales para a planície, exercem sobre nossa psique uma ação formadora de importância capital, provocam um estado dinâmico paralelo no homem, estimulam inconscientemente, mas profundamente, aquele espírito de atividade, de combatividade, de conquista, que é característico do italiano.

As planícies intermináveis da Europa oriental, da Ásia, da África ou das Américas, planas, uniformes, monótonas, dão a imagem da estagnação, daquele infinito imóvel que impede, pelo próprio fato de sua incomensurabilidade, toda possibilidade de mudanças e de reações, e por isso provoca na psique do homem a sensação da nulidade do próprio eu, da inutilidade de uma atividade intensamente realizadora, de onde deriva aquele profundo senso de fatalismo, de abulia, que caracteriza em sua maioria as gentes daquelas terras e faz delas povos, em geral, profundamente passivos.

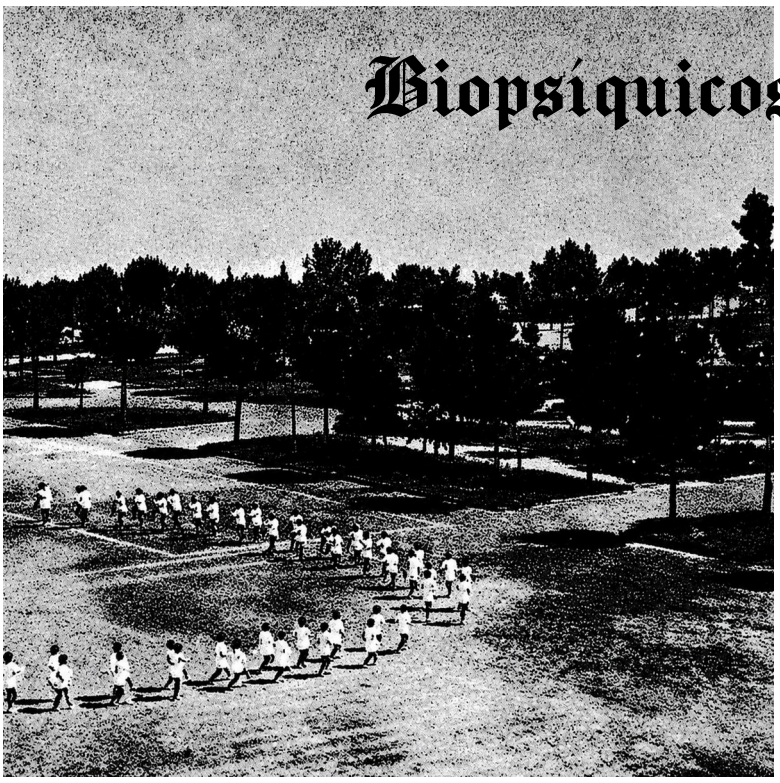
Em contraposição, o terreno acidentado, elevado, continuamente diverso, que expressa, na rudeza de suas dobras, de seus cumes, de seus relevos, a manifestação de profundas atividades endógenas, de vastos abalos, de lutas gigantescas e renovadoras; o ritmo das águas dos rios, que parece indicar a necessidade de seguir a corrida rumo às planícies férteis; o movimento inquieto, perene, possante do mar, que sintetiza e sublima o sentido do mutável, do premente, do desconhecido, provocam no espírito humano aquele profundo espírito de dinamismo, de necessidade de vencer os obstáculos, de dominar com a própria força as forças da natureza, de perscrutar todos os seus aspectos, de ver sempre mais longe, de forjar para si um corpo e uma mente moldados nesse mesmo plano de movimento e de força.

Assim é justamente o italiano, sólido e férreo como suas montanhas; voluntarioso e ousado como os cumes que se erguem para o céu; audaz e ansioso por novas vias como lhe indicam os cursos de seus rios e os horizontes de seu mar; plástico em suas capacidades intelectivas e realizadoras como requerem aspectos naturais tão mutáveis e tão diferentes; dúctil como lhe impõem as necessidades da vida dura, que deve se desenrolar ora na montanha e ora na planície, ora entre as neves e ora no mar.

Daí aquelas características perfeitamente típicas e exclusivas da raça italiana: da resistência e do amor ao trabalho, da possibilidade de se apoderar de qualquer técnica e de desenvolver as atividades mais diversas, de conceber a vida dura como a verdadeira vida, a vida tal como é imposta pelas condições naturais ambientais.

Mas sobre essa natureza física já tão variadamente modelada e tão polimorfa,

Biopsíquicos da raça italiana



desdobra-se toda a vida vegetal, esplêndida, multiforme, policromática.

Não a paisagem uniforme; não a floresta equatorial verde, uniformemente, exasperadamente verde; não a tundra plantada de árvores todas iguais, de folhas glaucas e troncos pálidos; não a estepe recoberta de mato seco e apenas pontilhada de arbustos retorcidos e mirrados; mas uma polifonia de formas vegetais e de cores diversas, dos bosques de coníferas de troncos avermelhados e folhas verde-escuras aos olivais prateados; dos bosques de carvalhos, de azinheiras, de azinhos, às pradarias consteladas de flores; da orgia das cores da floração da alta montanha à magnificência dos tons quentes, verdes, púrpuras, amarelos, dos pâmpanos das vinhas que revestem nossas colinas, e às searas douradas que se curvam sob a carícia do vento ou se agitam violentamente sob o golpe da tempestade. E essa imensa variedade de cores, de formas, de expressões da vida, está toda envolta pela luz cálida de nosso céu luminoso e límpido, está toda vibrante do calor do sol que extrai da terra a seiva que corre para tornar túrgidos os brotos, as flores, os frutos.

Toda essa maravilhosa harmonia de cores e de luzes, toda essa variedade de formas tão perfeitamente afinadas, toda essa sucessão e intercalação de quadros sempre diferentes e sempre estupendos, gravou no cérebro de nossa raça uma marca profunda, única, inconfundível, absolutamente diversa daquela possuída por qualquer outra.

O culto da beleza, a alegria da vida, a busca da harmonia das formas e dos atos, a dedicação profunda à natureza como exaltação do próprio eu, o profundo senso de solidariedade e de fraternidade, que são as características da psique do italiano, têm sua origem nessa constituição do ambiente natural.

E por isso todo italiano tem profundamente enraizado em si o culto da arte; por isso a Itália sempre teve uma arte sua própria, única, unitária, expressão desta estupenda natureza; e inspirando-se naquelas formas, naquelas luzes, naquelas cores, as artes figurativas deram obra-primas. Em toda parte se transpira a adoração da luz, da cor, da forma; em toda parte há a exaltação da natureza; em toda parte há a negação do fechado, do sombrio, do refletido;

a arte figurativa nunca é dura, áspera, encerrada em uma cerebralidade puramente deliberada, mas nela há sempre a alma que canta, que canta a natureza, aquela natureza que São Francisco, o mais italiano dos santos italianos, amava como ninguém antes dele amou, porque naquele amor e naquela exaltação ele sentia a exaltação das obras de Deus, sentia o amor dos homens pelas obras de Deus e pelos irmãos.

E esse canto que transpira da arquitetura, da pintura e da escultura, esse canto que se torna verdadeiro canto em nossa música e em nossa poesia, exteriorização subjetiva da natureza que nos foi dada, é a expressão da psique do italiano; canto que está em toda a nossa raça sob uma forma subconsciente, mas que aflora a todo instante no artesão que modela um objeto e procura imprimir-lhe a marca do belo, no construtor que dá à sua obra uma forma pessoal, no camponês que dispõe os ramos da videira em certa harmonia, no artista supremo que exprime de seu cérebro a obra-prima.de sua explicação.

Sobre a alegria da sensação exterior, que foi a que modelou primeiro nosso cérebro e nosso espírito e lhes deu a necessidade do culto do belo, enxerta-se a psique profundamente raciocinante, implanta-se o cérebro pensante, que analisa o fenômeno e quer compreendê-lo, que analisa os fatos e quer investigar sua explicação e seus nexos, de onde vem aquele outro aspecto, expressão de nossa raça poliédrica, das grandes intuições filosóficas, dos grandes ordenamentos jurídico-sociais, das grandes descobertas científicas. É o ciclo do pensamento que se fecha e se conclui. Não é a aceitação submissa do fato, não é a simples admiração, a exaltação do fenômeno natural, mas é o exame profundo dos problemas que a observação daqueles fatos provoca e favorece.

O cérebro italiano é, portanto, eminentemente construtivo, percebe as sensações e delas desfruta, e as reflete na serenidade de seu espírito, na exaltação da beleza, mas depois desce profundamente até as raízes daquelas sensações, elabora-as, seleciona-as, organiza-as, compara-as e delas deduz os grandes princípios, as grandes leis, as grandes doutrinas, as grandes intuições, que são, enfim, a expressão mais elevada e mais nobre de nosso engenho.

E como síntese dessa dupla elaboração surge a última e a mais perfeita das características psíquicas de nossa raça: o amor profundo por sua própria terra, por suas próprias glórias, por suas próprias tradições, imagem abrangente daquilo que é o passado remoto e o passado de ontem, do qual o italiano é extremamente zeloso,porque nele está resumida toda a sua história milenar, que é, afinal, a história do mundo.

A raça italiana, porém, possui estas características biopsíquicas, que são suas e exclusivamente suas; características

que lhe foram impressas pelos fatores naturais ambientais. O ambiente modelou a psique do italiano, e, uma vez que esse ambiente é único e nenhum outro país do mundo possui outro igual, também a raça que vive nesta nossa terra tem uma marca psicológica que lhe é exclusiva; mais ainda que os traços somáticos, mais ainda que as estruturas morfológicas, a raça italiana tem uma individualidade psíquica e espiritual absoluta: aquela que o ambiente lhe ofereceu, aquela que a natureza, tão variada, tão profunda, tão estupenda, imprimiu nela, dando-lhe assim o dom da serenidade, da jovialidade, da laboriosidade, dando-lhe aquela cerebralidade espiritual que é o culto do belo, da ciência, da filosofia, o culto da forma e o culto do pensamento, o culto sobretudo de sua unicidade, de sua grandeza e de seu destino, que fazem, portanto, do povo italiano uma unidade racial compacta, homogênea e completa. porque nele está resumida toda a sua história milenar, que é, afinal, a história do mundo.

A raça italiana, porém, possui estas características biopsíquicas, que são suas e exclusivamente suas; características que lhe foram impressas pelos fatores naturais ambientais. O ambiente modelou a psique do italiano, e, uma vez que esse ambiente é único e nenhum outro país do mundo possui outro igual, também a raça que vive nesta nossa terra tem uma marca psicológica que lhe é exclusiva; mais ainda que os traços somáticos, mais ainda que as estruturas morfológicas, a raça italiana tem uma individualidade psíquica e espiritual absoluta: aquela que o ambiente lhe ofereceu, aquela que a natureza, tão variada, tão profunda, tão estupenda, imprimiu nela, dando-lhe assim o dom da serenidade, da jovialidade, da laboriosidade, dando-lhe aquela cerebralidade espiritual que é o culto do belo, da ciência, da filosofia, o culto da forma e o culto do pensamento, o culto sobretudo de sua unicidade, de sua grandeza e de seu destino, que fazem, portanto, do povo italiano uma unidade racial compacta, homogênea e completa.

Mas sob essa expressão da forma exaltada em suas mais perfeitas manifestações, está outra profunda característica da psique de nossa raça: a da intuição do fenômeno físico e da busca de sua explicação.

Sobre a alegria da sensação exterior, que foi a que modelou primeiro nosso cérebro e nosso espírito e lhes deu a necessidade do culto do belo, enxerta-se a psique profundamente raciocinante, implanta-se o cérebro pensante, que analisa o fenômeno e quer compreendê-lo, que analisa os fatos e quer investigar sua explicação e seus nexos, de onde vem aquele outro aspecto, expressão de nossa raça poliédrica, das grandes intuições filosóficas, dos grandes ordenamentos jurídico-sociais, das grandes descobertas científicas. É o ciclo do pensamento que se fecha e se conclui. Não é a aceitação submissa do fato, não é a simples admiração, a exaltação do fenômeno natural, mas é o exame profundo dos problemas que a

observação daqueles fatos provoca e favorece.

O cérebro italiano é, portanto, eminentemente construtivo, percebe as sensações e delas desfruta, e as reflete na serenidade de seu espírito, na exaltação da beleza, mas depois desce profundamente até as raízes daquelas sensações, elabora-as, seleciona-as, organiza-as, compara-as e delas deduz os grandes princípios, as grandes leis, as grandes doutrinas, as grandes intuições, que são, enfim, a expressão mais elevada e mais nobre de nosso engenho.

E como síntese dessa dupla elaboração surge a última e a mais perfeita das características psíquicas de nossa raça: o amor profundo por sua própria terra, por suas próprias glórias, por suas próprias tradições, imagem abrangente daquilo que é o passado remoto e o passado de ontem, do qual o italiano é extremamente zeloso,porque nele está resumida toda a sua história milenar, que é, afinal, a história do mundo.

A raça italiana, porém, possui estas características biopsíquicas, que são suas e exclusivamente suas; características que lhe foram impressas pelos fatores naturais ambientais. O ambiente modelou a psique do italiano, e, uma vez que esse ambiente é único e nenhum outro país do mundo possui outro igual, também a raça que vive nesta nossa terra tem uma marca psicológica que lhe é exclusiva; mais ainda que os traços somáticos, mais ainda que as estruturas morfológicas, a raça italiana tem uma individualidade psíquica e espiritual absoluta: aquela que o ambiente lhe ofereceu, aquela que a natureza, tão variada, tão profunda, tão estupenda, imprimiu nela, dando-lhe assim o dom da serenidade, da jovialidade, da laboriosidade, dando-lhe aquela cerebralidade espiritual que é o culto do belo, da ciência, da filosofia, o culto da forma e o culto do pensamento, o culto sobretudo de sua unicidade, de sua grandeza e de seu destino, que fazem, portanto, do povo italiano uma unidade racial compacta, homogênea e completa. porque nele está resumida toda a sua história milenar, que é, afinal, a história do mundo.

A raça italiana, porém, possui estas características biopsíquicas, que são suas e exclusivamente suas; características que lhe foram impressas pelos fatores naturais ambientais. O ambiente modelou a psique do italiano, e, uma vez que esse ambiente é único e nenhum outro país do mundo possui outro igual, também a raça que vive nesta nossa terra tem uma marca psicológica que lhe é exclusiva; mais ainda que os traços somáticos, mais ainda que as estruturas morfológicas, a raça italiana tem uma individualidade psíquica e espiritual absoluta: aquela que o ambiente lhe ofereceu, aquela que a natureza, tão variada, tão profunda, tão estupenda, imprimiu nela, dando-lhe assim o dom da serenidade, da jovialidade, da laboriosidade, dando-lhe aquela cerebralidade espiritual que é o culto do belo, da ciência, da filosofia, o culto da forma e o culto do pensamento,

o culto sobretudo de sua unicidade, de sua grandeza e de seu destino, que fazem, portanto, do povo italiano uma unidade racial compacta, homogênea e completa.

Prof. EDOARDO ZAVATTARI
Diretor do Instituto de Zoologia
da Real Universidade de Roma

Característica da

O prof. Arturo Donaggio, diretor da Clínica neurológica da Real Universidade de Bolonha, um dos dez signatários do manifesto racista, pronunciava, em abril de 1937, ao ser inaugurado em Nápoles o XXI Congresso da Sociedade Italiana de Psiquiatria, um importante discurso do qual extraímos para nossos leitores a parte conclusiva, de inspiração nitidamente racista.

A ação artesanal e guerreira bem se revelou e se afirmou mais uma vez na empreitada já lendária da Etiópia, com seus inimitáveis caracteres psicológicos. Nós, também como psicólogos, queremos celebrar aqui esses caracteres psicológicos, essa *forma mentis* incomparável. Todo o mundo, depois das perplexidades e incompreensões tão estranhas quanto habituais, teve de admirar novamente o pensamento onipresente, clarividente do Duce; a ação fulminante dos generais; e, ao mesmo tempo, além da coragem indômita, a extraordinária resistência físico-psíquica dos soldados e dos trabalhadores italianos; a rapidez de execução; a possibilidade de adaptação às mais impensadas necessidades do momento: os mais graves obstáculos cederam à tenacidade e à plasticidade desses soldados e artesãos, desses artífices de toda arte. Os livros do Marechal Badoglio, do Marechal De Bono — que fazem pensar, em sua solene sobriedade, nas páginas clássicas dos escritores latinos — precisam essa psicologia de exceção, inteiramente nossa. A campanha da Etiópia, grande página do pensamento e da vontade do Duce, obra-prima bélica, documento ulterior do heroísmo italiano, poderia, além disso, chamar-se, sob esses aspectos psicológicos, também uma obra-prima "artesanal".

Agrada-nos aqui reafirmar, no dado psicológico, como celebração do grande feito, que nesses caracteres psíquicos, nessa forma mental que reconhecemos, contra toda teoria unilateral que quisesse reconduzir-nos a improdutivas ou já ultrapassadas sobreposições estrangeiras, o documento ulterior da continuidade, para além da tipicidade, dos caracteres psicológicos da estirpe, evidentes não só nas manifestações mais altas, mas também nas linhas psíquicas da massa do povo italiano.

Em 1914, celebrando a memória do grande Giulio Vassale, quem lhes fala celebrou também a nossa forma mental, dizendo, entre outras coisas: "esta energia e esta beleza juntas do pensamento italiano, que jamais cederam através dos séculos, diante das maiores desventuras; que são como uma necessidade, uma fatalidade maravilhosa

que corre no sangue de nossa gente: esta energia e esta beleza do pensamento deverão conduzir a Itália ao seu mais alto destino.”

Mesmo quando nosso país era vilipendiado, mesmo quando as tristes condições do país obrigaram o povo a emigrar, e estrangeiros e péssimos cientistas, além de péssimos italianos, andavam fantasiando sobre degeneração, ele, o povo, levava consigo esse antigo e indissolúvel tesouro psicológico. Seja-me permitido recordar que esses atributos psíquicos do povo foram exaltados por quem vos fala, também e precisamente, na própria pessoa dos emigrantes, em um discurso pronunciado em 1916 em celebração de Cesare Battisti e publicado pelos voluntários de guerra. Assim disse: “Esse impulso vital do povo italiano sempre foi afirmado justamente por aqueles que foram indicados como prova de decadência e de degeneração; justamente pelas massas inumeráveis de italianos que deixaram a pátria, que atravessaram os oceanos, que se espalharam por toda parte. Cegos aqueles que, ó emigrantes, através de vossa miséria, através de vossas aflições, não viram vosso heroísmo; cegos aqueles que, em terra estrangeira, vos cobriram de todo insulto, porque não puderam ver o tesouro reunido em vosso pensamento lúcido e harmônico, pronto e plástico; trabalhadores da terra e do mar, pioneiros construtores das maiores vias abertas aos humanos, presentes em toda parte onde há luta contra as forças naturais, com vossos músculos possantes e com vosso pensamento genial; artífices de toda arte; vós afirmastes ainda uma vez a perene juventude da Itália.”

Ontem, Natal de Roma, esses trabalhadores desfilaram pela via do Império junto com as tropas vitoriosas da guerra da África: reivindicação estupenda, que poderia também ter o sabor de uma bofetada no rosto dos detratores externos e internos de nosso povo, se valesse a pena deter-se nessas passadas misérias diante da grandeza do evento.

Os caracteres da romanidade atravessaram os séculos, intactos. Temos presentes as pesquisas antropológicas, os estudos craniométricos, sobre os quais se encarniçaram teorias ou doutrinas discordantes, e também permitiram afirmações absurdas de autores estrangeiros e de algum italiano. Mas devemos observar que existe, além do dado fragmentário, unilateral — por exemplo, da dolicocefalia e da braquicefalia — sobre o qual se pretenderia construir vastas doutrinas; acima ou além das discordâncias nos particulares, das contingências que não podem nos dar conta da personalidade global; existe, digamos, uma manifestação que representa a verdadeira soma da personalidade, e a designa, que é a síntese diante da qual cedem os particulares craniométricos ou de outra ordem; que é o sinal reconhecível e diferencial por excelência: e esta é precisamente não a *forma capitis*, sim,

como dizíamos, a manifestação psíquica, a *forma mentis*.

Embora também discutido, incomparavelmente mais valioso do que qualquer investigação craniométrica é, por exemplo, o conjunto dos estudos arqueológicos em sua referência às manifestações da vida primordial, que são de conteúdo psíquico: estudos modernos que, por obra de Rellini — depois que Brizio, trinta anos antes, também havia chegado a uma conclusão idêntica, limitada em seu caráter de hipótese — fornecem o documento da antiquíssima presença dos Apenínicos, não terramarícolas; autóctones; dos Apenínicos, fundadores, construtores das primeiras cidades fortificadas, prenunciando a fundação de Roma.

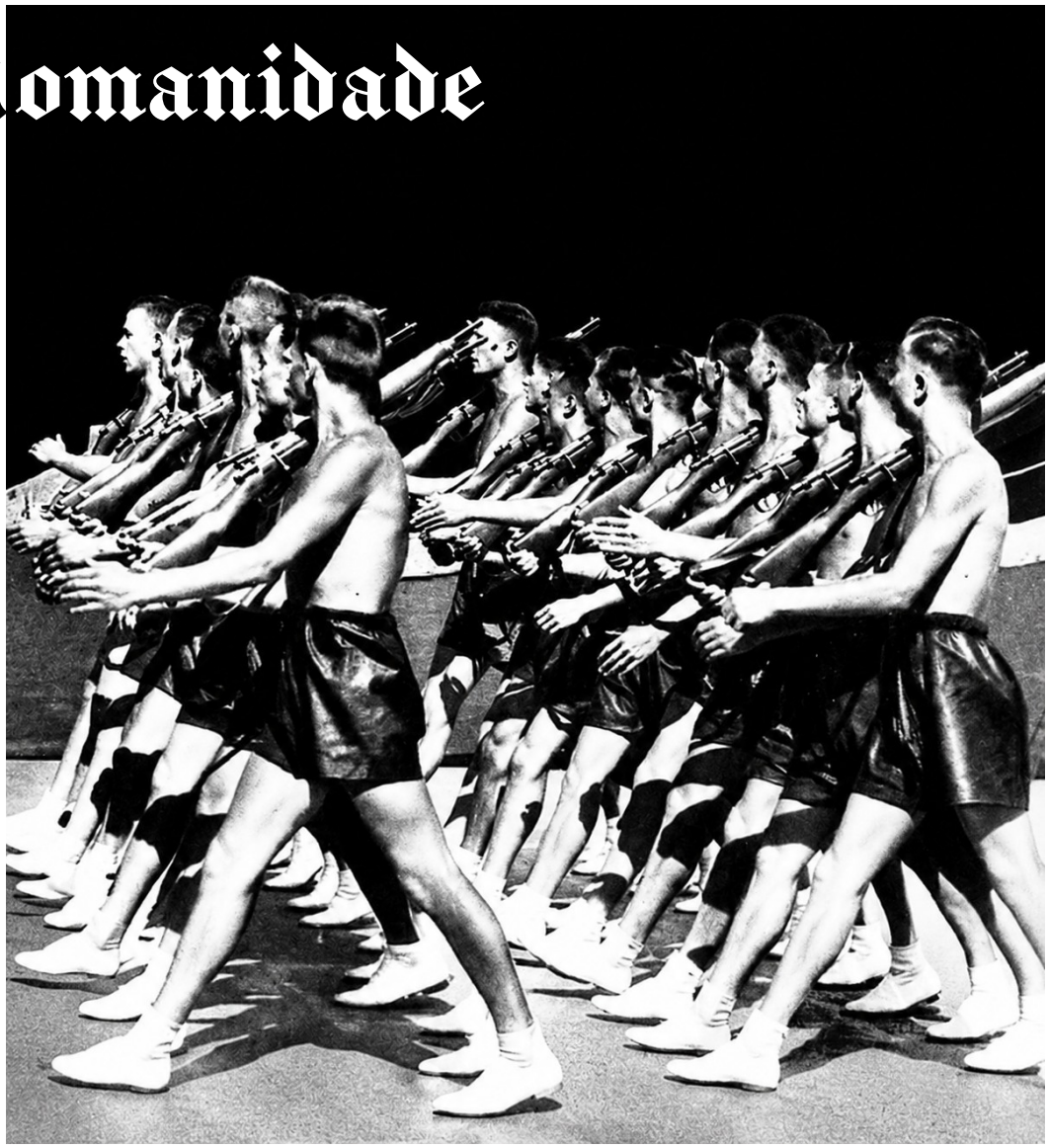
No elemento sintético da estrutura psicológica, na *forma mentis*, afirma-se a estirpe. A Itália conheceu vicissitudes triunfais, vicissitudes tristes; mas sempre sua particular forma mental brilhou com uma luz toda sua. O fato psicológico da romanidade emergiu com uma construção decidida, autóctone, que sobrepujou e medianamente expulsou infiltrações de elementos acessórios, afirmando sua própria estrutura, reconhecível e inconfundível.

Juntamente, entre outras coisas, com a lucidez, a harmonia, a rapidez psíquica, o senso artístico, o amor à terra, a mencionada adesão à realidade, razão pela qual quem vos fala disse certa vez que “italiano é aquele que olha para o alto, mas depois de ter fincado bem os pés no terreno sólido”; essa adesão que se manifestou desde os primórdios na arte, nas leis; essa mentalidade particularíssima segue-se sempre com caracteres indeléveis. Até mesmo o santo italiano tem raiz na terra. O mais italiano dos santos, aquele chamado São Francisco, põe-se em fraterna comunicação com a terra e dessa comunicação absorve seu próprio impulso místico.

Aparece como lógica emanação de nossa terra o apego à tradição não dissociado, o que pareceria improvisado e inoportuno, de uma figura gigantesca, aderentíssima à realidade, como a de Giotto, sobre cuja obra um fino crítico de arte, Mario Tinti, entre outras coisas escreveu: “O céu de Giotto nunca repudia a terra.” Não podia florescer senão de nosso terreno psicológico o solar Renascimento, cujas características nostrâneas se impõem ao mais desatento, ou mal disposto, observador. De nosso terreno psicológico podia brotar o método experimental, expressão ainda uma vez de contato com os fatos concretos e traço luminoso para o caminho da ciência.

Pela continuidade da forma mental nostrâna no tempo, a história italiana, como Arrigo Solmi reiterou, é um bloco compacto, sem soluções de continuidade.

Romanidade



Foi obra de Roma a primeira fundação unitária da península, reforçada pelo Império; e a ideia do Império, mesmo em tempos obscuros, não cedeu; Dante a recolheu, ele que, retomando o pensamento virgiliano, afirmou no segundo livro de *De Monarchia* “ser necessário conservar aquilo que a natureza ordenou, e o povo romano foi ordenado pela natureza a imperar”; Dante, que na unidade da Itália e jardim do Império reconheceu o fulcro para a expansão da civilização romana e cristã no mundo; essa ideia imperial, como se expressa Alfredo Oriani, reconstrói com Vítor Emanuel II a unidade da península; essa mesma persistente ideia imperial transmitida por Roma atua profundamente no pensamento do herói, do homem representativo — o Duce — que selou o fato psicológico da continuidade com este brado: “Nós não criamos uma Itália nova, pomos a Itália antiga em marcha”; e surge o Fascismo, que é ainda romanidade; e maio do ano XV, com a glorificação de Vítor Emanuel III, rei e Imperador, os legionários do Duce, junto ao Capitólio, erguem ao alto

as insígnias, o ferro, os corações, para saudar, depois de quinze séculos, o reaparecimento do Império nas colinas fatais de Roma.

Quem poderá desconhecer essa fatalidade psicológica, que, na ação, na eloquência, na prosa e em tudo que é do Duce, recolhe expressão precisa; essa fatalidade psicológica que é uma fatalidade biológica; quem poderá desconhecer o destino de Roma? Revoquemos a apóstrofe do Poeta:

"*Ave Deusa Roma! Quem te desconheça*
cinja-o o diadema de fria treva,
e a ele, no coração culpado, germine
entorpecida a selva de barbárie."

Por essa fatalidade maravilhosa, o destino imperial se realizou, despedaçando os mais duros obstáculos; a Itália imperial prossegue seu caminho rumo ao mais grandioso porvir da Roma imortal.

Prof. ARTURO DONAGGIO
Diretor da Clínica neurológica
na Real Universidade de Bolonha

Século XIX d.C. - retrato juvenil de Margarida de Saboia

“DE ONDE VIESTE? QUE SÉCULOS TE LEGARAM A NÓS TÃO MEIGA E BELA?”

(CARDUCCI)

PODE EXISTIR UM RAC

Pode existir um racismo na Medicina? Sim, não só pode, mas deve existir um racismo na Medicina para todos aqueles povos que têm consciência de sua elevação, e que, quanto mais alto se encontram na escala dos valores biológicos, tanto mais correm o risco de contaminar e perder esse seu patrimônio pelo contato e pela união com outros complexos raciais de menor valor.

Como deve ser entendido o racismo na Medicina? É preciso aqui deter-se para esclarecer conceitos tão simples quanto pouco conhecidos, ou dos quais, com igual frequência, se difunde artificiosamente uma interpretação errônea.

A palavra “racismo”, tanto em sentido médico como em qualquer outro sentido, não deve ressoar ao ouvido do profano como o toque de alvorada de uma encarniçada batalha ofensiva contra outras raças, mas deve apenas ser entendida como a determinação, por parte de quem deve fazê-lo, de tomar medidas preventivas e de defesa, destinadas à preservação dos múltiplos valores da própria raça, dirigidas,

portanto, apenas contra os elementos que de várias maneiras atentam contra eles.

Racismo não significa negar a ninguém as possibilidades de vida e de exteriorização de todas as próprias funções, mas significa apenas indicar que toda contaminação de nosso patrimônio biológico será seguramente impedida. Isso com base na existência incontestável de uma escala de valores biológicos entre as diferentes raças, conceito indispensável, sem o qual, em medida maior ou menor conforme o momento, as raças mais sadias veriam em perigo tal privilégio.

O que é, senão a expressão mais extrema de uma mentalidade racista, a constatação sempre frequente das linhagens dos negros na América, onde, é bom que se saiba, existe, e não apenas nas Universidades, mas até mesmo na clientela dos grandes hotéis, um número fechado para raças mesmo não de cor (e em primeiro lugar a israelita), que não se identificam com a dominante nesse país ultrademocrático, onde se finge escandalizar-se com medidas menores e menos bárbaras tomadas em nações não democráticas?

Não é talvez o mais obstinado dos racismos aquele que permitiu à raça israelita não se deixar assimilar em cerca de dois milênios, embora vivendo dispersa por todo o mundo?

Que o racismo, além disso, entendido em sentido médico, deva ter reflexos não apenas inter-raciais, mais facilmente apreensíveis pelo público, mas também reflexos internos, é algo facilmente compreensível se refletirmos que danos à saúde de nossa estirpe podem derivar também de elementos nela presentes. Basta pensar, de fato, apenas no grande número de doenças hereditárias.

CONTINUIDADE DOS CARACTERES FISIONÔMICOS DA RAÇA ATRAVÉS DOS MILÊNIOS

Século III a.C. - Figura feminina proveniente das escavações de Orvieto

ISMO NA MEDICINA?

Também nesse campo, os exemplos nos vêm de fontes que merecem ser citadas; assim, de fato, os antigos hebreus proibiam o matrimônio entre os epiléticos, os alcoólatras, os tuberculosos, bem sabendo as consequências deletérias que isso teria sobre a descendência, e isso para citar apenas algumas das numerosas normas que, a esse respeito, existiam entre esse povo. Além disso, a influência da hereditariedade já era bem conhecida até por Hipócrates, que sustentava: “se, de fato, de um fleumático nasce um fleumático, de um bilioso, um bilioso etc., por que as doenças de que a mãe e o pai são acometidos não devem ser transmitidas aos descendentes?”.

Desses breves e superficiais apontamentos vê-se, portanto, como o racismo, ainda que a palavra seja de cunhagem recente, encontra, ao contrário, suas raízes em tempos muito remotos; e como agora seja especialmente praticado justamente por aqueles que se escandalizam com tal palavra.

No que pode dizer respeito a raças diferentes da nossa, a palavra racismo não deve soar como uma ameaça;

ninguém lhes tirará o direito de se reproduzir e de alardear sua presumida superioridade sobre o restante da humanidade: pede-se simplesmente — e que do pedido não se passe à imposição depende unicamente deles — que nos deixem agir e que evitem misturas indesejadas, que, no fundo, também grande parte deles não demonstrou apreciar.

Qual é agora a tarefa da Medicina em tudo isso? Assim como a antropologia e os outros ramos, em seus respectivos campos, também a Medicina deve indicar, de um ponto de vista biológico e clínico, as vantagens e as desvantagens dos vários tipos de cruzamentos entre elementos de raças diferentes, e entre indivíduos de uma mesma raça, se tarados. É desejável, portanto, que alguns conceitos fundamentais a esse respeito adquiram, na grande massa dos médicos e dos biólogos, uma importância e uma imediaticidade maior do que hoje possuem, e que, embora se proceda em toda conclusão prática com a maior prudência e com a maior imparcialidade, igualmente não se recue diante de conclusões que devem beneficiar a saúde de nossa raça.

As mesmas qualidades espirituais de um povo, que são a garantia de seu destino futuro, repousam em grande parte sobre suas qualidades físicas, segundo o antigo ditado “*mens sana in corpore sano*”.

A tarefa da Medicina é, portanto, fundamental naquela obra de elevação da raça à qual o Duce já aludia há mais de uma década, quando, em seu discurso pelo sétimo aniversário da fundação dos Fasci, assim se expressou: “se eu conseguir, e se o Fascismo conseguir, moldar como eu quero o caráter dos Italianos, ficai tranquilos, certos e seguros de que, quando a roda do destino passar ao alcance de nossas mãos, estaremos prontos para agarrá-la e dobrá-la à nossa vontade”.

Dr. LEONE FRANZI
Assistente na Clínica Pediátrica
da Real Universidade de Milão

UMA QUESTÃO DE GÊNIO

Pode-se bem dizer que somente ao fim dos acasalamentos vagos, nefandos, como os chamava Vico, pode ter início a civilização, com o estabelecimento da certeza das genealogias, primeiríssima obra da imaginação divina, e o estabelecimento do costume de conservar a pureza das famílias, no qual consiste também a dignidade dos impérios de não se misturarem com os bárbaros e de não violarem o costume dos súditos, sem a qual se é corrompido e nada mais que corruptor.

Esta me parece a razão mais óbvia de todo ódio de raça e, por isso, também daquela levantada e conduzida vitoriosamente pelo Regime.

Mas é uma razão religiosa e, portanto, nos faz duvidar de que se possa tratar de uma questão propriamente de raça, a menos que se queira voltar ao ponto de explicar a religião pelas ciências naturais.

E há outra razão, que nos obriga a excluí-lo, aquela justamente da condição dos judeus.

Os judeus são apenas uma parte de sua raça, e a questão dos judeus deriva apenas dos judeus, isto é, de modo algum de outros que também são da mesma raça.

Deriva de terem-se conservado como uma nação, embora dispersos entre os outros povos, e de terem, nessa condição, abandonado inteiramente o uso popular da língua e, assim, interrompido todo desenvolvimento da imaginação e, por consequência, revirado toda a força interior para o intelecto, passando por isso a gravitar sobre os outros povos com o único peso da matéria, como acontece com a natureza humana quando permanece desligada dos fins do gênio nacional, e como ocorre com todas as classes cultas, a começar, por excelência, pela crosta ciceroniana, que teria sufocado o destino de Roma, se César não a tivesse rompido.

Trata-se, portanto, de uma tragédia do gênio, e creio francamente que, se não fosse uma questão poética e, por isso, de verdadeira política, seria bárbara, e nenhum de nós teria se ocupado dela, a começar por Mussolini, e que o fato de ela despertar interesse e criar raízes não depende de modo algum de sua aparência de raça, mas de um interesse novo, renascido em nós, de reunir gênio e política, que já se sente sufocado pelo sistema francês, o abala em seus

fundamentos e se prepara para reordenar a Europa.

Que nessa tragédia do gênio esteja toda a questão judaica, pode-se tocar com a mão, considerando outro povo, que vive em uma condição próxima à dos judeus e chegou às mesmas consequências, embora sendo de nosso próprio sangue.

A revolução francesa não nasceu, como a civilização, da poesia. Nasceu da reflexão. Com seu furor, foi toda ela costume corrompido e não pôde ser criativa. Nasceu do peso material de uma classe já formada e dominante. Mas com a revolução, o país mais racional da Europa, que é a França, conseguiu ordenar aquele povo dos povos, que é a burguesia, fazendo aquela transformação da civilização em cultura, que a colocou à frente do sistema europeu.

Incapaz de arte, incapaz de poesia, toda sociedade, economia, cultura: isso é a burguesia.

Que diferença há entre burgueses e judeus?

Que os judeus permaneceram fiéis à unidade de sua nação, sem ter mais pátria; os burgueses se desprenderam dela, embora habitando sua pátria, e formam uma sociedade de todos os países. Os judeus foram obrigados a abandonar o uso popular de sua língua; os burgueses, conservando a língua, reduziram-na a um jargão irônico e racional, apenas um instrumento de comunicação, e falam a língua francesa, sem necessidade e por costume.

A diferença é que a dos judeus é uma tragédia; a dos burgueses, uma degeneração.

Os judeus se encontram muitíssimo bem no sistema francês; ele parece feito para eles, e eles mesmos ajudaram a França a fazê-lo. De Madri a Moscou, ao Cairo, digamos até a Nova York, em todo o campo da revolução francesa há judeus, mas sobretudo há e se encontram muitíssimo bem os burgueses. Onde há um burguês, há o sistema francês, e o sistema é o que conta, porque a França não poderia tê-lo feito apenas com judeus, e não seria um sistema se fosse apenas de judeus. É o sistema francês, chama-se burguês, é fundado sobre a degeneração dos povos. Pode a França ainda manter o mundo com esse sistema? Eis a verdadeira questão.

Massimo Lelj

Os traços somáticos do semibárbaro Caracala ilustram suficientemente o principal motivo de seu ruinoso edito.

O edito de Caracala

UM SEMIBÁRBARO APLANA O CAMINHO AOS BÁRBAROS

“Em 476 depois de Cristo, ruiu o Império de Roma. Odoacro depôs Rômulo Augústulo...”. Assim aprendem, nos áridos resumos históricos, os meninos das primeiras classes ginasiais; e aquele 476, no qual se concentra todo o esforço de sua memória, aquele pobre, aquele insignificante 476, avulta tanto a ponto de parecer um símbolo de ruína e de caducidade, uma espécie de ano mil da história de Roma, ao término do qual, por razões misteriosas, o gigantesco colapso era inevitável.

Os meninos do ginásio superior e do liceu aprendem algo mais. Aprendem que o famigerado 476 não assinala senão a conclusão de um longo processo; aprendem que para a decadência e o colapso do Império de Roma contribuíram múltiplas causas: a pressão dos bárbaros, a barbarização do exército, o fiscalismo, a crise econômica, a anarquia militar… Os mais aplicados, os primeiros da classe, sabem de quantos soldados dispunha Trajano e de quantos Diocleciano, sabem

que juros se emprestava dinheiro sob Nero e a quais sob Adriano, sabem a história do *aureus* e do *argentus*... mas nada sabem da única causa substancial que provocou todas as outras e, com elas, o colapso da potência romana.

Eles a aprenderão, portanto, na Universidade, aqueles poucos entre eles que escolherem os estudos literários? Quem dera! Mas, na Universidade, estão ocupados demais estudando o que a esse respeito sustentou Mommsen, ou Meyer, ou Gino Segrè, ou ainda Aldo Segrè (todos belos nomes itálicos, como se vê), ocupados demais em fracionar, desintegrar, pulverizar a cultura... e naturalmente não têm tempo de remontar aos princípios gerais.

A causa da decadência e do colapso do Império de Roma, que é afinal (considerada sob o aspecto inverso) a própria causa do nascimento e do poder daquele Império, permanece, portanto, na sombra; enquanto resplandecem em plena luz os belos nomes itálicos acima citados e suas teorias não menos itálicas.

Augusto, que não quis contribuir para a barbarização

O ENFRAQUECIMENTO DO SENSO DA RAÇA

No entanto, trata-se de uma causa simples e clara, fácil de enunciar e ainda mais fácil de compreender: o enfraquecimento, isto é, até desaparecer, do senso da raça itálica e de suas virtudes tradicionais. Não se diga que há um círculo vicioso naquilo que sustentamos; e que o enfraquecimento do senso da raça é, por sua vez, efeito e não causa: pois nenhuma das razões comumente alegadas, nem sequer o conjunto de tais razões, basta para explicar um fenômeno tão complexo e profundo como o da progressiva decadência da antiga Roma.

De resto, um exemplo concreto, um dos mais clamorosos exemplos que a história de Roma pode oferecer a esse respeito, valerá mais que qualquer dissertação para fazer compreender a enorme importância do fator “raça” na parábola descendente da romanidade. Queremos nos referir à “Constitutio Antoniniana”,

isto é, ao famoso édito com o qual Caracala concedeu, em 212 depois de Cristo, a cidadania romana a todos os provinciais — "Oh, o grande imperador! Oh, a medida iluminada!" — exclama a costumeira crítica histórica, e entoa hinos à civilização niveladora dos Romanos, à missão universal de Roma... Esclareceremos adiante o que se deve entender por missão universal de Roma; ocupemo-nos agora da "medida iluminada" acima mencionada e procuremos estabelecer seus antecedentes, as causas, as consequências.

O ÉDITO DE CARACALA

Dião Cássio conta ("História romana", 52, 19, 6) que, tendo Mecenas aconselhado a Augusto algo semelhante ao édito de Caracala, ele não apenas se recusou a estender aos provinciais os direitos dos Romanos, mas dissuadiu Tibério de se lançar em aventuras do gênero. O testemunho de Dião tem particular valor, pois nos vem de um provincial (Dião era grego, de Niceia), o qual demonstra muita simpatia em relação ao édito de Caracala; e ficaria, portanto, bastante contente se pudesse encontrar para ele um precedente tão ilustre como o de Augusto.

O BOM SENSO DE AUGUSTO

Ainda mais significativo é o testemunho de Sêneca, o qual, na "Apocolocyntosis" — ou "Aboborificação" — zomba de Cláudio e agradece aos Deuses por tê-lo feito morrer a tempo, pois parece que ele cogitava "ver revestidos da toga (isto é, cidadãos romanos) todos os Gregos, os Gauleses, os Espanhóis, os Bretões". A fraqueza de Cláudio é bem conhecida e não nos espanta, de sua parte, um tal propósito; mas é de extrema importância o fato de que a censurá-lo seja justamente Sêneca, o qual, tanto por sua origem provincial quanto pelas premissas cosmopolitas do estoicismo por ele seguido, poderia ter sido levado a considerar com simpatia uma política de nivelamento.

O primeiro passo gravíssimo rumo a tal política foi dado por Vespasiano, o qual isentou os itálicos do serviço militar. A medida foi, na verdade, ditada por uma justa preocupação: a de evitar que a Itália fosse continuamente o campo de lutas civis sangrentas; e, por outro lado, Vespasiano era imperador bom demais e eram demasiado sólidas nele as raízes da estirpe romana para que ele pudesse tomar decisões contrárias ao prestígio de Roma. Mas as consequências da isenção do serviço militar foram, para os itálicos, gravíssimas; pois afastaram da península uma das maiores forças do Império; e determinaram, a longo prazo, o enfraquecimento da raça, que pelas virtudes militares sempre se distinguira luminosamente.

Começa então a série dos imperadores provinciais; e a crise se agrava. Adriano, de família espanhola, decreta a instituição da circunscrição territorial nas províncias, dando assim a cada uma delas uma força provincial mal romanizada do exército, e os romanos autênticos, que se viam privados de suas mais altas prerrogativas, o imperador, necessitado de se impor pela força, apoiou-se no exército e, portanto, na província; os itálicos, privados das armas havia muito tempo, não tiveram nem a possibilidade nem a capacidade de reagir; e o declínio do sentido da raça se acentuou assustadoramente.

O edito de Caracala — filho do africano Sétimo Severo

do Império reflete no rosto a nobreza da raça itálica

armada autóctone, muito mais disposta a servir aos interesses da própria região e da própria raça do que aos interesses soberanos de Roma. Marco Aurélio, de família itálica, mas impregnado de grecismo, concedeu individualmente a cidadania romana a muitíssimos provinciais, favorecendo a progressiva descentralização dos poderes. O exército já era composto, em enorme parte, por bárbaros. Os cargos públicos eram presa fácil dos provinciais. Restava o corpo dos oficiais itálicos, que, nas guerras combatidas por Marco Aurélio, deram provas admiráveis de valor. Sétimo Severo, imperador nascido na África, em Léptis, mal capaz de falar latim, levado ao trono por um exército de provinciais rudes, os habitantes da região traco-ilírica, deu o golpe de misericórdia na oficialidade itálica, concedendo aos provinciais o privilégio de ocupar os postos do exército. Foi essa — como diz De Sanctis — a virada decisiva da história de Roma. Nasceu e se acentuou rapidamente o contraste entre as provinciais mal romanizados do exército, e os romanos autênticos, que se viam privados de suas mais altas prerrogativas, o imperador, necessitado de se impor pela força, apoiou-se no exército e, portanto, na província; os itálicos,

privados das armas havia muito tempo, não tiveram nem a possibilidade nem a capacidade de reagir; e o declínio do sentido da raça acentuou-se assustadoramente.

O edito de Caracala — filho do africano Sétimo Severo e nascido na Gália, em Lyon — representa a conclusão lógica da política severiana.

Para provocá-lo, aliás, também contribuíram — como se verifica em todos os acontecimentos da história — fatores contingentes.

Segundo Dião Cássio (“História romana”, 77, 9, 5), Caracala foi levado a conceder a cidadania aos provinciais por motivos fiscais e, precisamente, pelo desejo de estender aos “novos cidadãos” o imposto sobre a herança. Outro motivo do edito foi certamente o desejo de conquistar numerosos adeptos entre os provinciais, visto que a oposição dos itálicos era cada vez mais clara e manifesta. Por fim, Caracala queria fazer esquecer, com um ato de aparente clemência, o trágico fim do irmão Geta, assassinado por ele nos braços da mãe.

Tal consideração tem um valor ainda maior, quando se passa às razões de ordem mais ampla. O edito, como dissemos, insere-se na política severiana, isto é, em uma política que, por partir dos provinciais e por se apoiar exclusivamente nos provinciais, tem como fim o nivelamento absoluto das multidões que constituem o Império. E a dos Severos é a época do sincretismo religioso e político: Caracala, que introduziu em Roma os cultos de Ísis e Serápis, é a personificação fiel desse sincretismo. Africano de raça, celta nos costumes, não é, de modo algum, um imperador romano e não pode comportar-se como tal. Age como hoje agem, nos chamados países democráticos, os negadores do racismo; faz de Roma o cadinho no qual todos os povos podem misturar-se impunemente; e, desse modo, apressa o colapso da civilização antiga, que é a civilização da raça itálica. Desconhece, como bárbaro que é, seus próprios interesses, pois, concedendo em massa a cidadania aos provinciais, igualando no direito todas as províncias, perde a possibilidade de manobrar uma contra a outra, de conquistá-las com concessões particulares, e faz com que a autoridade delas sobrepuje a do imperador. Favorece, desprovido como é do senso de raça, a mestiçagem; tornando cidadãos de Roma os mestiços nascidos da união dos soldados romanos com as peregrinas, aos quais até então, em virtude da providencial lei Minícia, a cidadania era negada. Provoca o declínio econômico da era inteira, cuja prosperidade não podia estar desvinculada de uma posição de absoluto predomínio político. Em uma palavra, a vitória da barbárie interna, que, minando o senso da raça, minava as próprias bases do Império; e abre caminho para a vitória da barbárie externa, que demorará dois séculos e meio para se tornar definitiva somente graças à extraordinária força de resistência das instituições civis e políticas criadas pela raça de Roma.

BARBÁRIE INTERNA E EXTERNA

Esta foi a obra ruinosa do imperador Caracala: nascido em Lyon, como se disse, e assim chamado pela ridícula mania de se vestir à moda dos gauleses. O mal francês, como se vê, é de data antiquíssima.

GIORGIO ALMIRANTE

A Burguesia

A profunda crise da nossa burguesia chegou a fazê-la perder o sentido da nação. Há quem afirme que ela nunca o tenha tido; e sustente, como Massimo Leli, que esse defeito esteja enraizado desde a origem: isto é, desde quando ela começou a constituir-se, por volta do fim do século XVII, como pálido reflexo da nascente burguesia francesa. Formou-se então e difundiu-se na Europa uma sociedade cosmopolita que adquiriu efetivamente o poder em todas as nações, e que, com a Revolução de 1789, alcançou também aquilo que ainda lhe faltava: o reconhecimento legal. A burguesia italiana não foi senão uma seção desta: e, como tal, deu ao nosso Risorgimento aquela orientação liberal que o teria feito encalhar em 1848, se pouco depois forças extraburguesas, tradicionais e agrárias, não tivessem assumido energicamente a sua direção. De todo modo, alcançada a unidade e, com a ascensão da Esquerda, voltando novamente ao poder a burguesia, tudo, como era inevitável, assumiu aspecto liberal: o governo, a cultura, a arte, a economia, a administração. O grande resultado, a Itália finalmente feita, pareceu ter menor realidade do que as aspirações nobres e heroicas daqueles pouquíssimos que, algumas décadas antes, o haviam alcançado. Havia, na realidade, a nação, mas no estrato que a dirigia não havia, porque nunca havia existido, a consciência dela. Em suma, depois de 1876, ocorreu uma claríssima transposição: o liberalismo supranacional, que se havia colocado ao lado do Risorgimento, mas apenas na aparência, agora tirava a sua máscara: a Itália não passara de um episódio. O essencial era a afirmação da burguesia, de suas ideias e de seus interesses, também em nosso país. Uma espécie de casta que apenas por certos fatos, como a residência e a língua, parecia ligada a ele, mas que na realidade tinha seu centro e suas aspirações em outro lugar.

É natural que a uma casta semelhante falte o conceito de raça. Extraindo toda a sua razão de ser apenas das grandes trocas entre as nações, e tendo necessidade, para dominar essas trocas, de colocar-se ao mesmo tempo fora de todas elas, tende a formar-se

como um estrato desprovido de particularidade, de sensibilidade, de gênio, de tudo aquilo, em suma, que distingue os povos; e a acolher, por consequência, todas as contribuições heterogêneas de cuja mistura possa melhor adquirir a tonalidade neutra adequada à sua função. A burguesia, dentro de cada povo, é de fato uma internacional sobreposta. É uma mestiçagem: ao menos das ideias. É a parte que não se crê, como todas as outras, ligada ao sangue, à tradição, ao costume. Tem, em suma, a mesma natureza daquilo que é o verdadeiro objeto de sua atividade: o dinheiro: que se encontra em toda parte, é igual em toda parte, e nunca está ligado nem aos lugares nem às pessoas. Assim é a burguesia: um rosto sempre igual, acrescentado aos corpos robustos e diversos dos povos; uma cabeça sempre igual que gostaria de regular vontades e instintos que lhe são constitucionalmente opostos. Que tormentos, que incertezas, que indecisões! Seriam impossíveis até os movimentos mais naturais, as ações mais simples, e como um dilaceramento contínuo e doloroso acompanharia o pensamento, mesmo o mais fugidio. No entanto, isso acontece na realidade, todos os dias, nos povos, quando quem os dirige não é da mesma natureza deles: quando a grande massa, guiada pelo instinto decisivo da própria raça, está em contraste com a raça diversa e falha dos dominadores. A multidão de um sangue, quem a governa de outro: este é, mais do que se crê, um esquema frequente na vida dos povos.

Na maioria das nações, mesmo sob aparências democráticas, o contraste se dá entre a mestiçagem burguesa e a multidão à qual essa mestiçagem tende a fazer perder a consciência de sua raça. Esse trabalho está hoje muito avançado. É uma degeneração desejada e metódica, que desce pouco a pouco do alto, onde apenas em uma esfera restrita se encontra esse centro de infecção. O povo se submete a ela por ignorância. Seu instinto obscuramente se rebela: sente o mal, mas não sabe identificá-lo; e é cercado, impregnado, envenenado por ele antes mesmo de se dar conta. Vê, de década em década, estranho espetáculo, essa gente que se diz da mesma nação e até se proclama seu olho e seu cérebro, introduzir outro costume, outra linguagem, outro modo de pensar, de sentir, de viver. Depois tenta compreender, habituar-se; acredita, por fim, ter conseguido. Mas é uma ilusão. Mesmo sob as aparências exteriores modificadas, permanece algo de irredutível, causa de obscuro e doloroso contraste. Este é hoje, mais ou menos, o estado da nações ocidentais: lá onde a burguesia conserva o domínio. Política, cultura, economia, arte são voltadas contra a natureza dos povos. É um monstruoso atentado, uma colossal profanação. Aquela classe pálida, aquela mistura que governa, resultado de dois séculos de confusão universal, comércio e indústrias, antes de tudo, depois filosofia, literatura, música, pintura,

aquela classe que não tem nem sangue nem rosto, cujos homens e mulheres são iguais em toda parte, vestem-se, comem, pensam, trabalham, dançam do mesmo modo; têm os cabelos, a pele, a maquiagem, os rostos, as faces, de aspecto igual; cujos lábios são, por exemplo, igualmente em forma de peixe, os penteados à japonesa, os bigodes à americana, os trajes de banho à Jansen, ou então de qualquer outro modo, desde que igual em todos os países: estes concidadãos que, coisa absurda, se parecem infinitamente mais com os habitantes de outro hemisfério do que com o camponês ou o pescador que moram a dois passos, estes americanos de Nápoles, estes ingleses de Florença, ou estes franceses de Veneza, que depois não são nem americanos nem ingleses nem franceses, a não ser porque fumam cachimbo, preferem o erre mole, cantam as canções com acento nasal; toda a gente feita assim, à qual, sem perceber, há tanto tempo nos acostumamos: essa gente sem raça e, por isso, sem caráter, sem dignidade e sem vontade, é exatamente aquela sob cuja direção esteve, até ontem, inteiramente o nosso país.

✠ ✠ ✠

Uma burguesia sem raça, e povos em parte sadios, que lhe estão submetidos: eis o quadro, talvez mais do que todos próximo da verdade. Se as grandes massas também começaram a “misturar-se”, no costume e no sangue, isso se deve, unicamente, ao escândalo secular que, há dois séculos, lhes vem do alto.

E a Raça

A burguesia já está irremediavelmente mestiça: não há mais como se iludir; nem é mais possível, a seu respeito, pensar em outro remédio senão retirá-la de uma vez de suas funções de comando, já agora mais do que perniciosas. O Fascismo já o fez desde 1922: agora não lhe resta senão completar a obra: impedindo que seus remanescentes, ainda que em posições de segunda ordem, continuem seu triste exemplo de degeneração racial. A Arte, a Cultura, o Ensino devem ser definitivamente subtraídos a esta burguesia destronada. Ela, não há o que esconder, serviu e ainda serve, como se não tivesse havido a Revolução Fascista. Por imbecilidade e por senilidade, ainda transmite aos jovens, que não sabem se defender, a indiferença deletéria pelos valores da raça. Tudo conspira para isso: a arte internacionalista, ainda livremente admitida entre nós, o pensamento individualista e tagarela, a historiografia dialética que "supera" o conceito de nação. Aquela historiografia dialética que "supera" o conceito de nação. Aquela juventude com a qual conta o Regime e na qual devemos depositar todas as nossas esperanças aprende ainda, da maioria de seus mestres, que a nossa história começa apenas em 1870, com a formação do Reino: antes, a Itália não existia. Pois somente então, no século XIX, nasceu a ideia de nação: do pensamento romântico; hoje essa ideia já começa a ser "dialeticamente" superada, e pode, portanto, de um dia para o outro, ser superada também a Itália. A raça? Um mito; também ela uma "ideia", também ela um produto da mente dos cientistas. E, não existindo a raça, que é a sua substância permanente e tangível, que realidade pode jamais ter a nação? Com os mesmos critérios, por incrível que pareça, ensina-se, ainda hoje, a história de Roma. Destrói-se assim toda a sua extraordinária força sugestiva e educativa. O que é ela, por exemplo, para Ferrabino, que lhe dedicou, três anos atrás, um volume ainda muito difundido e conhecido? Nada além de uma luta de classes, primeiro dentro da cidade, depois dentro da península, depois dentro de

toda a extensão do Império: uma luta puramente econômica, entre empresários e agrários, na qual eram absolutamente indiferentes a raça, a tradição, os valores morais.

O liberto Trimalquião, de origem asiática, e enriquecido com o grande comércio, é na realidade uma personagem mais interessante do que Catão: para ele, no fundo, fez-se o Império; por ele se combateu em Canas e se venceu em Ácio: ele é "o progresso", isto é, a indústria e o dinheiro circulante; o velho Catão, ao contrário, mesmo dois séculos antes, não era senão um resíduo da estúpida "curulidade", isto é, daquela Roma camponesa, familiar e guerreira, que, veja só, havia conquistado o mundo. Melhor Trimalquião, com suas terras cultivadas por escravos, enquanto ficava na cidade, segundo os critérios industriais da "economia helenística", do que as propriedades à moda antiga, que o próprio senhor arava, junto com os filhos e algum servo, segundo o costume recebido dos antepassados. Melhores os "ergástulos" do que Cincinato. Aliás, este último e sua maravilhosa lenda tornam-se, a certa altura, para Ferrabino, objeto de escárnio. Desse modo, não nos iludamos, ainda hoje se ensina entre nós a história romana. Um ponto de vista, como se vê, antirracista e burguês. Que formação dos jovens, nada! E na universidade de Roma, que deveria dar uma norma à Itália, não nos coube, por exemplo, ouvir de seu titular de história antiga, o professor Cardinali, que o estoicismo cosmopolita e indiferente às raças, ao subir ao trono, marcou o ponto culminante de cerca de mil anos de história romana?

Que somente nele devemos ver "a essência da romanidade", e somente dele extrair até mesmo a norma para o futuro do novo Império? Qualquer livro, de qualquer formato, pelo qual hoje se ensine história nas escolas italianas, do primário à universidade, é sempre concebido independentemente da raça, e muitas vezes com afirmações contrárias; qualquer livro de arte, de literatura, de crítica, de ciências, e até de temas específicos como a etnografia e a geografia humana; qualquer manual, dicionário, enciclopédia, grande ou pequena que seja: até mesmo na Enciclopédia Treccani, embora tão rica, falta, como se sabe, um tratamento deste tema. Tal é o estado de ignorância, quanto à questão da raça, em que os restos da burguesia que na Itália, embora tenham perdido o poder, ainda conservam nas mãos as chaves da cultura, deixam não só o povo, mas também a juventude que surge hoje. Ignorância extremamente perigosa, porque abre caminho a contaminações e infiltrações que poderiam ter amanhã as mais graves consequências.

✠ ✠ ✠

A burguesia perdeu entre nós o poder; mas precária seria a vantagem de sua substituição se não nos assegurássemos para sempre contra a

pior ignomínia daquela casta decadente: o seu cosmopolitismo. A mestiçagem cultural no governo do país foi a nossa maior desgraça até o advento do Fascismo. Este colocou, pela primeira vez, italianos no governo da Itália: italianos não só de sangue, mas de pensamento e de alma. A estranha e dolorosa fratura desapareceu: as duas culturas, os dois instintos, do povo e do estrato dirigente tornaram-se, pela primeira vez, um só. Hoje, aquilo que desde então é um fato vem enunciado como princípio. Estabelece-se a doutrina da raça. Esta está destinada rapidamente a varrer as mencionadas sobrevivências, já intoleráveis, no mundo da cultura; a resolver contemporaneamente duas importantes questões: as relações com os novos súditos de cor, depois da conquista do Império; e as relações com os Judeus. Para os primeiros, já há medidas precisas que regulam os casamentos; quanto aos segundos, foi solenemente declarado, por um grupo de antropólogos fascistas, sob os auspícios do Ministro da Cultura Popular, e confirmado pouco depois em uma declaração pública do Secretário do Partido, que eles não pertencem à raça italiana. Tal afirmação, à qual logo se seguirão as justas consequências práticas, tem uma importância de primeiríssimo plano. Liga-se, de fato, estreitamente ao problema capital da classe dirigente. A burguesia cosmopolita que nos havia governado até 1922 era, em seu núcleo mais profundo, dominada pelos Judeus: por eles havia sido moldada moral e culturalmente, com eles havia se misturado no sangue, por eles havia sido cada vez mais educada àquela indiferença pelos valores da raça que, precisamente a eles, ferozmente racistas, estava destinada a assegurar, sobre uma multidão degenerada, o seguro predomínio. Separando hoje os Judeus da nação italiana, tanto no sangue quanto na cultura, considerando-os, portanto, simplesmente como estrangeiros, elimina-se de uma vez por todas o caruncho mais perigoso.

GIUSEPPE PENSABENE

Os Sete

Há espíritos atrasados que hoje têm grande dificuldade em compreender por que o Regime está colocando na ordem do dia o vasto problema da afirmação e da defesa da raça, com seus inevitáveis reflexos antijudaicos. Observam, estes, que isso significa atrair para si a hostilidade declarada dos Judeus, os quais “são terrivelmente fortes em todo o mundo, e não perdoam”.

Esses críticos não se dão conta de que entre o Fascismo e o racismo judaico a guerra já está em curso, e que esta é conduzida, por parte dos Judeus, com um encarniçamento ao qual nada mais pode ser acrescentado por campanhas de imprensa ou por medidas governamentais.

O Fascismo, de fato, está onerado, aos olhos dos Sábios de Sião, por nada menos que sete pecados capitais.

O primeiro pecado é aquele original, da vitória obtida no imediato pós-guerra sobre o marxismo de casa,

por meio da exaltação da ferocidade guerreira e do apelo ao espírito heroico dos melhores Italianos. No programa do Partido foi fixado lapidarmente o conceito da Nação como valor ético absoluto, diante do qual indivíduos e classes não têm direitos a reivindicar, mas apenas deveres a cumprir. Isso já assinalava um abismo intransponível entre nós e a mentalidade judaica, ao menos em seu plano teórico.

De fato, o povo judeu, em sua ânsia de domínio universal — alimentada pela crença de ter sido designado por Deus para guiar o restante da Humanidade — considera necessariamente como seus aliados naturais os movimentos políticos capazes de obscurecer nos povos o sentido da Nação, desintegrando a sociedade em uma agregação mecânica de “livres” indivíduos (liberalismo), ou então de atiçar as massas contra o Estado, fazendo alavanca sobre seus instintos deteriorados, de modo a aniquilar fisicamente as aristocracias morais e intelectuais das nações (bolchevismo). Ambos os caminhos levam ao triunfo dos Judeus: como é experimentalmente demonstrado pelo imenso aumento de poder e influência que os Judeus realizaram no último século, sob a égide das instituições e ideias liberais; e pelo que aconteceu na Rússia bolchevique, onde os Judeus quase que “in toto” substituíram as velhas classes dirigentes. Ora, o Fascismo se opunha — como já observado — à concepção liberal-atomística da sociedade, bem como ao mito brutal da luta de classes;

Os judeus, entenda-se bem, estavam então muito longe de dar-se conta da importância histórica do fenômeno fascista: de medir a sua profundidade e prever seus desenvolvimentos. Nem deixaram, contudo, de combatê-lo energicamente, não só de fora, mas também por dentro, com tentativas de lhe falsear e corromper a natureza. Em geral, a participação ativa dos judeus no movimento fascista, até a Marcha sobre Roma, foi mais do que modesta, embora a sua constante tática, de estar presentes em toda parte, para manter nas mãos todas as cartas do jogo político, não se desminta nem mesmo neste caso.

Mal chegou ao poder, o Fascismo manchou-se de uma segunda, gravíssima culpa: a dissolução da Maçonaria. As reações foram violentíssimas, especialmente por parte da grande imprensa estrangeira de informação, controlada pelos judeus. O Fascismo tornou-se alvo das contínuas, malévolas fantasias e deformações de fatos, das grotescas exagerações de todo incidente ou inconveniente, ainda que mínimo, surgido no curso de sua atividade restauradora.

Em sua ofensiva antimaçônica, o Fascismo procedeu com notável moderação e longanimidade. Dissolveu as lojas, mas geralmente deixou os maçons tranquilos nos postos que ocupavam, acolhendo benevolamente suas declarações de abjuração. E fingiu ignorar que, por trás da Maçonaria, se escondiam os judeus. Pressionado por urgentes e difíceis problemas financeiros e administrativos, herdados do Regime precedente, o Fascismo não quis enfrentar prematuramente a Internacional judaica. Era preciso deixar a esta última a ilusão de que ainda existia ampla possibilidade de compromisso e de entendimento com o Fascismo, e talvez até de colaboração em determinados setores. Apesar disso, ainda haveria muito a se admirar se um dia fossem expostas e publicadas as provas da escaturigem judaico-maçônica de certos infames atentados contra a vida do Duce, que se seguiram nos anos de 1924 a 1926. A terceira culpa do Fascismo está na construção progressiva e sistemática — a partir de 3 de janeiro de 1925 — de um sistema político estritamente autoritário, desvinculado do jogo dos ludi cartacei eleitorais e das insídias de uma "liberdade de imprensa" que oferece tantas perigosas possibilidades de pressão e de influência política a interesses privados irresponsáveis, mais ou menos plutocráticos. Era esse um novo golpe desferido contra a potência de Judá. A crise econômica mundial ofereceu então a ocasião de estender também ao terreno econômico o princípio autoritário, dando início à atuação de uma nova ordem que se afasta cada vez mais do sistema burguês, enquadrando firmemente o crédito, os investimentos de capitais, os preços, as trocas e as forças de trabalho a serviço da coletividade nacional.

Pecados

O quarto, gravíssimo pecado mortal contra Judá, foi cometido pelo Fascismo no terreno da política externa, forjando o "Eixo" Roma-Berlim, que, por meio de uma colaboração reciprocamente frutuosa entre os dois países, contribuiu sem dúvida não pouco para fortalecer a posição do Regime nazista; do mais feroz inimigo — isto é — da Internacional judaica.

Quinto pecado capital: reconhecimento do Governo do general Franco, e mão estendida à Espanha nova, autoritária e nacionalista, portanto antijudaica.

Sexto pecado: adesão ao Pacto Anti-Comintern com a Alemanha e o Japão. Com ele, o Fascismo lançou sua luva de desafio ao bolchevismo, no terreno internacional. Terminou a época em que a repressão de toda tentativa de propaganda bolchevique dentro do Reino podia conciliar-se com a manutenção de relações cordiais com o Governo de Moscou. O Fascismo afirma-se agora como força ideológica internacional, fora do quadro restrito da política interna. Os bolcheviques, que já havia muito tempo se compraziam em aplicar o qualificativo de "fascista" (com intenção depreciativa!) a todo movimento nacionalista que aflorasse no mundo, a toda reação oposta pelo saudável instinto de conservação dos povos às maquinações do Comintern, foram servidos além de qualquer expectativa. E com eles devem lamentar-se — naturalmente — os Sábios de Sião.

Sétima e última culpa (ao menos por ora): aceitação do "Anschluss" por parte da Itália: sublinhada e convalidada depois pelo triunfal acolhimento reservado a Hitler por ocasião de sua visita, em maio passado. O Anschluss destruiu a poderosíssima base vienense da Internacional judaica, ao mesmo tempo esvaziando as tenazes esperanças dosSétima e última judeus em futuras possíveis divergências ítalo-germânicas a propósito da Áustria, com relativas repercussões fatais sobre a política do Eixo e sobre o Pacto Anti-Comintern.

Quem não seja beatamente ignorante da mentalidade judaica encontrará sem dúvida que estes sete elementos de contraste têm peso suficiente para excluir para sempre qualquer possibilidade de conciliação.

O Fascismo — que, em sua primeira fase, pôde parecer a observadores superficiais um movimento de interesse puramente nacional e de caráter negativo — isto é, uma simples reação temporária a certos males e desordens de funcionamento da sociedade italiana — veio pouco a pouco revelando-se como um rumo e um sistema de reconstrução "ab imis" da civilização ariana. Nesse progressivo alargamento de horizontes, nesse aprofundamento gradual de sua doutrina, o Fascismo se encontra e colabora naturalmente com o Nacional-Socialismo e com todos os outros movimentos de retomada ariana.

Mesmo o mais cauteloso "oportunista" deve, portanto, persuadir-se de que nada há, já agora, a ganhar mantendo coberta por um pudico véu a questão judaica. Ela é uma realidade formidável, indestrutível, que em vão o estúpido século XIX e a mentalidade liberal julgaram eliminar ignorando-a. O Fascismo pretende enfrentá-la virilmente: consciente de prestar assim — além de tudo — um assinalado serviço à cultura ocidental.

Dotar o povo italiano de uma consciência racista — especialmente em relação aos Judeus — significa consolidar e assegurar as conquistas até agora realizadas pelo Fascismo no terreno social, econômico, jurídico. Significa desarmar e destruir a insídia de elementos adversos e diversos, incansavelmente empenhados em arruinar por dentro, com trabalho de mina ou de caruncho, o majestoso edifício do Regime, desnaturando e corrompendo suas instituições.

É preciso que o povo italiano aprenda a conhecer seus inimigos: entre os quais um dos mais perigosos é justamente o *espírito judaico*, que se abriga e atua — infelizmente — na enorme maioria — se não na totalidade — dos indivíduos Judeus.

Além disso: erguer a bandeira da guerra ao racismo judaico significa aumentar a irradiação espiritual de nosso País — especialmente no oriente europeu, na Península balcânica e junto ao mundo árabe; e granjear-nos a simpatia e a admiração dos cada vez mais numerosos "conhecedores de Judá" disseminados pela face do globo.

QUINTO FLAVIO

O Ódio Hebraico pelas outras raças

Se ainda se quer um documento que testemunhe a soberba megalomania dos judeus, seu desmedido orgulho pelas qualidades da própria raça e o desprezo pela ética não judaica, leia-se o *Breviarium Judaicum* de Fritz Cassirer, publicado em 1920.

Nele se observará mais uma vez como os judeus fazem questão de distinguir-se, *como raça*, das populações com as quais vivem. Ei-lo:

"Salve! Egrégios judeus alemães, todos vocês que estão entre o Reno e o Vístula, há séculos neste belo país que se chama Alemanha — um nome que algumas mentes sábias gostariam de fazer derivar de "täuschen" (enganar) —, mas esta é uma suposição vaga e, portanto, eu gostaria de deixá-la de lado. E assim — só para começar com alguma coisa — quero gritar-lhes imediatamente a minha opinião final, fundamental, principal, isto é: que vocês, bons e tristes judeus alemães, não se aborreçam tanto se o germano — assim se chama o seu senhorio, embora também isto seja uma pretensão bastante vaga, porque ainda não é certo, e talvez jamais seja demonstrado, qual de nós dois trabalhou por mais tempo e com maior sucesso neste País — portanto, eu dizia, se o germano voltar a deleitar-se com o odor daquela estranha planta que se chama antissemitismo, a qual se encontra sob diversas formas em nossa cara Alemanha, nenhuma delas é boa. Todas brotam de um monturo.

Alguns judeus são estúpidos

Alguns alemães são inteligentes…

Ó Alemanha, minha cara pátria, és uma pátria estúpida! Ó estúpida Alemanha! Ó estúpida Alemanha! Ó Alemanha que foste inteligente, que foste grande!

Não acreditam que nós teríamos guiado este nosso país com mais altivez, com mais ternura e, portanto: com mais força?

Não acreditam talvez que nós — nós, hóspedes há 2000 anos, hóspedes bem odiados! — não acreditam talvez, meus amigos, que nós, da escola da miséria de milênios, teríamos nos tornado diplomatas melhores do que aqueles que não têm dedos para as "tolices"?

Não acreditam que nós teríamos tecido com dedos mais finos os fios deste país infeliz; em vez de rasgá-los assim, tão teutonicamente? Calem-se! Calem-se!

Não poderia ser — que pensamento extravagante! — que um Estado-Maior de judeus tivesse conduzido esta guerra de modo menos colegial? Que tivesse sabido fazer melhor a paz?

Poderia ser…

Poderia ter sido…

Deveria ter sido!

Não foi assim.

Não será assim…

Fomos úteis — sabe-se lá onde — nas trincheiras aqui, ali, em alguma parte!

Úteis!!

Aproveitar!!

Mas, por Deus — meus caros — ponham-nos finalmente naqueles postos em que podemos ser mais úteis a vocês do que vocês mesmos! Lei: “Tal e tal cargo deveria ser ocupado somente por judeus”. Até 1950!

O mundo logo perceberia que a coragem sem soberba, a firmeza sem artifício, a flexibilidade sem fraqueza de caráter ainda existem nas terras da Europa.

Ó sonho estúpido, impertinente!

Ó Alemanha, minha pátria!

Matem os judeus! Talvez seja melhor assim…

Olhem para eles! Vocês os viram? Mas quem não os viu nestes anos?…

Ó trêmula servilidade dos heróis que gozavam em sentir-se servidores! Ó calças masculinas mal preenchidas! Ó sarcásticos olhares judeus! Ó nobre militarismo!…

Sim, meus irmãos, vocês têm muito pouco dessa covardia! Caso contrário, não seria assim tão engraçado imaginá-los marchando em passo de parada! Olhos em frente! Todos viram à esquerda, em frente! Quem ri?

Estamos solitários.

Nem sequer nos sentimos irmãos.

Não tenho razão, meus Irmãos?

Todo Gerhart Hauptmann na Alemanha tem o seu bom e sempre fiel Otto Brahm! Ou então: todo Richard Wagner na Alemanha tem o seu fiel Hermann Levi! Ou então: todo Bach tem o seu Mendelssohn! Ou então: todo Brahms tem o seu Joachim! Ou então: todo Kant tem o seu Cohen!

Nós devemos — isto é indispensável — nós devemos, judeus alemães, zelar pela germanidade e protegê-la! Quem mais deveria fazê-lo? Eles mesmos, talvez, os teutões? Mal sabem falar e escrever em alemão! Há muito já precisam ouvir de seus cientistas e filólogos que já não sabem mais fazê-lo! E por que ainda deveriam sabê-lo? Existe ainda, por acaso, o crânio: o rosto alemão?

Aquelas cabeças lisas! Toalhas de café que ficaram tempo demais na lavagem!

“Made in England!” Que linha!

Aquelas cabeças vazias!

Que só fazem barulho quando o senhor Capitão move as baquetas!

Os estudantes! Aquele presidente distrital! Aqueles oficiais da reserva! Aqueles Professores!

Não souberam vencer a guerra! Nem sequer souberam perdê-la!

Alemães, alemães! Deveríamos ser novamente nós os únicos que ganharam com a guerra?

No fim, não haverá mais alemães — além de alguns — judeus.

Vejo muitos entre vocês que se desanimam com muitos escrúpulos e, com verdadeira solidez alemã, procuram compreender o porquê deste ódio eterno, e se afinal não haverá talvez uma razão verdadeira e boa para que devamos bater no peito e exclamar: “Padre! pecamos!”.

A esses gostaria de recordar, antes de tudo, que todo animal sobre esta terra possui um ânus que não tem o mesmo bom cheiro da boca, embora seja uma coisa útil e indispensável. Nós não podemos nem queremos negar que o animal Judá, nisso, seja melhor do que os outros animais! O que, desta vez, ficará bastante claro!

Protejam, caros judeus, protejam a mentalidade e os costumes, a música e a filosofia alemãs! Protejam tudo isso das patas dos teutões! (Há loucos que não conseguem nem sequer arranhar o rosto; nesse caso, o doutor prescreve luvas de borracha! Entendem-me!).

Mas se encontrarem, ó bravos e fiéis judeus alemães de todas as regiões, um devorador de judeus, digam-lhe livremente: “Nós — digam-lhe — fincamos raízes profundas e duras nesta nossa terra alemã! E aqui estamos bem, e aqui nos sentimos em casa, ainda que nas copas das árvores se ouçam assobios e resmungos feios! Já faz mil anos que nos plantamos aqui e não queremos mais nos deixar transplantar! Permanecemos firmes nesta nossa pátria!”.

Mas se a vocês, egrégios concidadãos, isso não agrada, se o ar lhes faz mal ou se o paletó lhes parece apertado demais, então sacudam também dos seus pés a poeira deste país; vocês que sempre têm algo a dizer e a objetar, caiam fora o quanto antes!

Nós ficamos aqui!

E agora, adeus!”.

OS JOVENS E A RAÇA ITALIANA

Existe um homem italiano. Um homem que há muitos séculos vive na mesma terra, nutrindo-se sempre dos mesmos produtos nascidos do mesmo húmus, que respira o ar temperado pelos mesmos vales, pelas mesmas ribeiras, que se move, trafica, age sempre entre as mesmas planícies, as mesmas encostas, que pensa, medita, poetiza, inventa sempre diante das mesmas paisagens, sob o mesmo céu, um homem que escolhe sua companheira entre sua própria gente e que por isso põe no mundo filhos que são com verdadeira palavra sangue de seu sangue, um homem que é semelhante, afim a todos aqueles que vivem e viveram antes dele sobre a mesma terra pátria.

Homens italianos que, próximos uns dos outros por uma trama solidíssima, pelos mil fios vitais, constituem um agrupamento inconfundível, homogêneo, formam aquilo que com termo científico deve decididamente ser chamado — sem receios, sem supérfluos pudores — de uma raça.

Homens italianos, de raça italiana.

Olhando com espírito sereno, nenhuma realidade é mais evidente do que esta. É a realidade de todos os dias, aquela que encontramos nas ruas, nas casas, uma realidade tão óbvia que escapa à consideração e sobre a qual nos detemos apenas quando paramos para observar um grupo de estrangeiros. A cidade, com seu movimento, sua ânsia de ação, a confusão de sentimentos e de interesses, tende a desgastar a consciência da própria entidade biológica. É outro mal do urbanismo.

Não assim no campo. A vida serena dos campos, as obras da agricultura e dos pastos amadurecem uma sabedoria firme, antiga como a terra, límpida como o sol. Aqui é, portanto, convicção de todos que as linhagens familiares devem ser preservadas e defendidas como algo sagrado.

“É sadia, é forte: pode casar-se com ela”, dizem os velhos ao filho; “mulher e bois, da tua terra”, repete-se em toda região da Itália. Nas fazendas, nas casas rurais, não se estudou a eugenia.

✠ ✠ ✠

Existe uma raça italiana. Será, portanto, bom para todos que, daqui em diante, na consideração dos vários estudos, dos diversos problemas, se tenha presente o fator homem italiano.

E deve ser repelida com energia toda acusação de materialismo estreito, pronta a nascer na boca dos vários avestruzes que metodicamente mantêm a cabeça nas areias de um fácil espiritualismo.

Não é com negações apriorísticas, com enrijecimentos transformados em sistema, que se pode entrar em um conceito ou nos termos de um problema. Quando se assumem essas atitudes, está-se completamente fora da questão.

Ao nos darmos conta da existência de um homem italiano e, portanto, de uma raça italiana, colocamo-nos no plano de uma realidade muito simples.

Olha-se o homem como ele é, com seu corpo e com seu espírito em seu equilíbrio natural; olha-se para ele nessa realidade que é muito simples e igualmente evidente.

Não cabe aqui o sofisma: uma posição desse gênero está muito mais próxima da realidade das coisas do que estão os porta-estandartes das opiniões preconcebidas.

Civilização, espírito, arte, cultura são termos aos quais especialmente a sociedade demo-maçônica do fim do século XIX deu significados mais vastos e, portanto, menos precisos, significados que acabaram por deslizar para o campo de um internacionalismo não bem definido e, de todo modo, obscuro.

Quem se alimentou mal desses termos, quem por vício ou talvez por ofício abusou dessas palavras, pode talvez achar difícil acolher em seu quadro mental o conceito de raça.

É a posição dos que chegaram lá, daqueles que, depois de terem fabricado ordenadamente uma cultura através da sequência escola primária — ginásio — liceu — universidade, nela cochilaram decorosamente e nada querem que os perturbe.

Mentalidade estática, fora do tempo duro e da difícil vida de hoje, que impõe cotidianamente novos problemas, novas metas.

Mentalidade, portanto, que não é de jovens.

Muitos anos de Fascismo, de lutas, de conquistas mantiveram os jovens afastados das insídias de um internacionalismo obscuro.

Eles são, portanto, os mais idôneos para compreender prontamente o valor fundamental da declaração que sustenta a existência de uma raça italiana. Eles, que cresceram nos ginásios, ao ar livre das competições esportivas e dos acampamentos do Partido, e que puderam assim aprimorar seu corpo, tornando-o mais apto a toda prova, podem dar-se conta da necessidade de defender e perpetuar intacto esse patrimônio preciso que é o substrato biológico da Nação italiana.

O reconhecimento da existência de uma raça italiana coloca, em vários campos, uma série de problemas e de estudos de desenvolvimento bastante interessantes.

Os jovens do tempo fascista certamente trarão a isso, com a nossa serenidade romana, uma contribuição de ideias e de entusiasmo destinada a dar maior desenvolvimento ao importante problema enfrentado pelo Fascismo.

LINO BUSINCO

Assistente de Patologia Geral
na Real Universidade de Roma

Os Judeus e a Agricultura

A ausência de agricultura

O exame, ainda que superficial, da distribuição dos judeus pela terra nos revela dois fatos estreitamente ligados um ao outro, mas que agora prefiro apresentar bem distintos.

1) Nunca se pode falar de áreas de concentração dos judeus em sentido absoluto, mas sempre apenas em sentido relativo, uma vez que, mesmo nos pontos do globo onde os judeus se encontram em maior quantidade, ainda que se restrinja o exame a áreas de mínima extensão geográfica, seu número nunca constitui toda a população do lugar considerado, mas se apresenta, ao contrário, sempre apenas como uma porcentagem.

Traduzindo o fato na expressão prática de seu significado, vemos: a) que os judeus não cumprem todas as funções que a vida social exige, mas apenas algumas delas, sempre as mesmas; b) que, algumas vezes, em circunstâncias especiais, o objeto de sua atividade se amplia, de modo fictício, aparente, porque quase sempre essas novas expressões de vida, quanto aos seus fins, recaem nas atribuições específicas dos judeus; c) que o núcleo judaico nunca desenvolve certas atividades características e fundamentais, essenciais à vida tanto do indivíduo quanto da humanidade associada, como a atividade agrícola.

2) A distribuição dos judeus pela terra é a “impressão”, o efeito de seu princípio migratório especial.

Do exame, isto é, de como os judeus estão atualmente distribuídos pela terra, pode-se identificar a característica fundamental de seu movimento.

Sem dúvida, não podemos comparar com exatidão os movimentos judaicos recentes com aqueles antigos, entre a mitologia e a história, dos quais conhecemos em parte o resultado e nem sequer o desenvolvimento.

Mas, referindo-nos apenas à história dos últimos vinte séculos, podemos identificar algumas características de movimento que se podem resumir na simples expressão “por infiltração, não em massa”.

É óbvio o que disso se pode facilmente deduzir: a) a ausência de exércitos, isto é, de um espírito militarista; e depois, sobretudo, b) a ausência da agricultura.

Seguimos o caminho inverso? Porque, à primeira vista, pode parecer claro que sejam esses dois pontos a razão do modo como se desenvolve o fenômeno migratório judaico.

Ou não é, ao contrário, um fato em função do outro? A característica do movimento, motivo da estrutura social judaica? Trata-se, isto é, de movimentos que exigem a ausência de exércitos, de paradas que exigem a falta de agricultura?

Pode-se muito bem ser propenso a uma tese em vez da outra, mas não se pode basear senão em fatores relativos e não absolutos, assim como relativa e não absoluta é a distinção que se pode fazer entre uma e outra tese.

As próprias características físicas dos judeus, disseram alguns, nos explicariam sua milenar inatividade militarista, mas não nos dizem qual é o fator primeiro.

Sempre, em casos análogos, encontramo-nos diante de posições que nos parecem demasiado categóricas; assim, a controvérsia se transforma com frequência em um dualismo de escolas.

Pode-se formular a hipótese de que populações em estado nômade, como a judaica, não tenham encontrado o ambiente adequado e seguro onde pudessem desenvolver uma agricultura propriamente dita, onde se fixar, e que por isso mesmo tenham sido obrigadas a continuar em suas peregrinações.

Mas por quê? Talvez simplesmente porque esse grupo étnico veio a se encontrar em atraso em relação aos outros grupos no momento do assentamento, faltando-lhe, portanto, as possibilidades já exploradas por outros?

Somente uma razão histórica, então, teria decidido a sorte de um grupo?

Que as manifestações características de uma vida milenar tenham influído sobre a natureza e sobre as aptidões do povo judaico é indubitável. Podem-se aceitar os postulados da escola naturalista, mas seria absurdo considerá-los suficientes: uma razão, um fator que ainda nos escapa conduziu, sem dúvida, esse grupo de modo tão diverso do dos outros, ou determinou seu diferente desenvolvimento migratório.

Entre tanta diversidade de opiniões e de teorias, é notável o fato de poder concentrar, neste ponto, toda a nossa atenção em um elemento etnológico que, entre tantos, é absolutamente o mais importante, talvez o único fator, entre todas as variadas considerações possíveis, que aproxime os núcleos judaicos mais distantes e mais diferentes entre si: a ausência de uma agricultura propriamente dita.

Penso, de fato, que seja a ausência de militarismo e sobretudo de espírito agrícola — e os dois elementos não são antitéticos, nem sequer completamente distintos um do outro, como à primeira vista poderia parecer — que constitui o fator coercitivo determinante do sistema migratório e da atual estrutura dos judeus.

Há quem, procurando estabelecer uma relação entre o índice cefálico e a tendência dos povos ao trabalho da terra, chegasse à conclusão de que aos povos com tendência à vida migratória corresponderia um braquimorfismo, enquanto dolicomorfos seriam os povos de vida sedentária e de tendência mais acentuada para a agricultura.

Se o fato de que entre os judeus se podem encontrar, juntos e com extrema

facilidade, formas braquicéfalas e formas dolicocéfalas não é suficiente para destruir tal hipótese, poder-se-ia lembrar os ciganos, o único outro núcleo desprovido de uma vida agrícola que existe na Europa, os quais, no entanto, apresentam em sua maioria absoluta elementos de dolicomorfismo.

Enunciados e objeções

I. — Segundo uma concepção teológica, toda civilização, assim como toda raça e todo povo, parece ter recebido do Destino uma missão particular na história da humanidade, uma parte apropriada às suas aptidões e às suas forças.

Ao povo judaico certamente não foi dada uma missão de povo “social”, no sentido específico da palavra, de povo construtor e coadjuvante, de povo agrícola!

É bem conhecido, de fato, o espírito intimamente desagregador que emana da ação lenta, mas contínua e tenaz, que o elemento judaico exerce no mundo de toda concepção científica ou social; é conhecido o desafio que, no campo de toda ciência, as maiores mentes judaicas lançaram às doutrinas abstratas e científicas que sustentavam havia séculos a nossa civilização, sempre no esforço mais elevado e sábio de solapar concepções filosóficas, morais, econômicas, políticas.

. É sobejamente conhecida a participação do pensamento judaico em todas as revoluções, quase limitada, porém, à primeira fase destruidora, quase nunca presente no momento da reconstrução, do retorno ao trabalho tranquilo, do retorno aos campos.

Mas não é igualmente conhecida a causa íntima que leva o judeu a duvidar sempre e o coloca em completa antítese, em aberta luta contra toda manifestação da nossa civilização conservadora: a falta de um espírito rural que o ligue à terra e ao trabalho nela, assim como o lar, a casa, aproximam e chamam a si o homem da família primitiva.

II. — Entre as numerosas objeções que se podem fazer a este ponto, algumas, sem dúvida, devem ser levadas em maior consideração.

Podem, de fato, me perguntar:

1. A antiga civilização judaica não é, por acaso, uma civilização agrícola?
2. A libertação dos judeus da escravidão moral a que estavam submetidos na Rússia antes da revolução e a emancipação de seus direitos não deram, por acaso, ótimos resultados para a aproximação do judeu à terra?
3. Não existem, por acaso, atualmente, populações judaicas dedicadas à agricultura?
4. O povo judaico, enfim, é a única raça sem agricultura?

A primeira objeção tem uma importância apenas relativa; agricultura, note-se, não é o comércio do vinho,

Judeus no gueto de Cracóvia

Como exemplo de populações judaicas dedicadas à agricultura, citam-se sempre os caraítas; na realidade, não se trata de judeus; provas históricas, antropológicas e étnicas indicam claramente sua posição, por meio de sua origem e da precisa distinção em relação aos judeus.

Esses caraítas, originários da Pérsia, são hoje em número tão pequeno — alguns milhares: no Levante, no Volga, na Polônia — que tornam mais fácil uma confusão com os judeus.

E depois devem-se notar certas afinidades religiosas, o uso que os caraítas fizeram no passado da língua hebraica. Esta é a razão do erro grosseiro que leva alguns a citar a florescente agricultura dos caraítas como uma atividade judaica.

O fato, ao contrário, é que os judeus são uma raça que não tem parentes, e — o que é ainda mais notável — que nunca os tiveram, por mais longe que se lance o olhar no tempo.

Talvez seja para este novo ponto que deva se dirigir quem quiser explicar a autoenunciação do povo eleito?

Mas existe hoje igualmente outra raça sem parentes, uma raça que já aproximei daquela dos judeus pela comum ausência de vida agrícola: os tzigani, os ciganos.

Mas tal coincidência, que exigiria muitas observações e algumas limitações, não invalida de modo algum o enunciado antinatural que se aplica aos judeus de modo tão categórico como não se poderia repetir para os tzigani.

A agricultura entre os antigos hebreus

Vários autores põem em relevo a atividade agrícola que se desenvolve entre os antigos núcleos hebraicos ao chegarem à Palestina e a explicam, antes de tudo, mostrando-nos quanto era desenvolvido o senso da agricultura entre os indígenas com os quais os Hebreus se encontram em Canaã — e sobre isso parece não haver dúvida alguma — fazendo-nos observar depois como todas as fontes da suposta civilização agrícola hebraica residem no ensinamento dado pelos habitantes de Canaã, deixando quase inferir, a quem lê, um significado um tanto diferente, isto é, a instabilidade do desenvolvimento agrícola da civilização hebraica.

O povo israelita — diz Adolfo Lods (I) — tornou-se essencialmente agricultor. As exportações consistiam em trigo, mel, cera, azeite e perfumes (*Ezequiel*, 27, 17). Foi em trigo e azeite que Salomão pagou suas dívidas a Hirão (*Livro dos Reis*, 5, 25). Na base da alimentação estavam a farinha e o azeite (*Livro dos Reis*, 17, 12-16; II, 4, 2). A viticultura era praticada de modo tão amplo que os poetas representavam frequentemente a nação sob a imagem de uma vinha (*Isaías*, 5; *Ezequiel*, 15, 17; *Gênesis*, 49, 11-12; e assim por diante).

"A população israelita, depois da absorção dos cananeus, praticava, de fato, procedimentos técnicos desconhecidos pelos hebreus nômades" (1).

Mas o mesmo autor recorda, ao mesmo tempo, algumas das regiões da Palestina onde se conservou o seminomadismo: o Sul de Judá (por exemplo, *I Samuel* 25), a Transjordânia (*Juízes*, 5, 16), Moab (*II Reis*, 3, 4); e chama poderosamente a atenção para a completa fusão ocorrida entre os hebreus e os cananeus, que o autor chama de seus mestres na agricultura (2); fusão da qual, na realidade, nada sabemos com precisão e que, contudo, não deve nos causar nenhuma impressão, considerando os complexos aportes que os hebreus sofreram na Antiguidade, sem jamais se desviar minimamente, por outro lado, de sua principal conduta de vida.

A pouca consistência científica das fontes hebraicas, que serviriam para demonstrar o suposto desenvolvimento da agricultura na civilização hebraica, também nos é dada por um frequente anacronismo que se nota no exame da terminologia técnica dos textos:

O próprio Lods nos faz observar que o texto do Decálogo que hoje nos aparece não pode ter sido absolutamente redigido na época mosaica, justamente pela presença, no próprio Decálogo, de conceitos agrícolas que então não podiam existir, absolutamente estranhos à época, mas que pertencem sempre, segundo o autor, ao modo de falar e de pensar do Deuteronômio (século VIII) ou do Código Sacerdotal (séculos VI e V) (3).

E em outro lugar diz: "uma palavra que significa 'pastagem' assumira o sentido de 'mocidade' (*nâvé*). Uma

região montanhosa era uma ‘terra onde correm leite e mel’: é o ideal do nômade. Um camponês teria dito ‘uma terra de trigo, de mosto e de azeite’” (4).

As tentativas de colonização judaica na União Soviética

1) Na Rússia, uma tentativa de colonização judaica já havia sido feita pelos czares, ao fixar um grande número de famílias israelitas em uma vasta zona agrícola. Mas, depois de apenas cinco anos, já não existia mais uma propriedade em posse de um judeu: pouco a pouco, sem que ninguém se desse conta, haviam vendido tudo e, infiltrando-se, tinham retornado aos seus ambientes de vida comercial.

Mas poder-se-ia objetar que, dadas as restrições a que os judeus estavam então submetidos, a vida nos campos lhes era, por isso, ainda menos fácil, e que nada em particular se sabe das efetivas condições de vida que lhes foram oferecidas.

Portanto, devem ter mais valor as tentativas soviéticas de colonização, permeadas por um semitismo do qual ninguém pode duvidar.

Na Rússia, antes da Revolução, a agricultura era proibida aos judeus também pelas dificuldades de aquisição da terra. Em 1917, na Rutênia Branca havia, em mais de 10.000 hectares, cerca de dez mil famílias judaicas sem qualquer relação com a agricultura.

Um dos primeiros atos das autoridades soviéticas foi naturalmente a realização do primeiro postulado do programa judaico, isto é: o direito de possuir a terra. O Governo soviético, de fato, não apenas permitiu aos pequenos comerciantes e artesãos israelitas, estabelecidos nos campos, participar do loteamento dos bens fundiários ex-privados, estatais e eclesiásticos, mas também impeliu uma viva atividade com o objetivo de fazer se fixar nos campos o proletariado judaico que habitava as cidades e os burgos, e cujo número havia aumentado notavelmente em consequência da mudança imprevista da estrutura econômica, o que ameaçou a existência das massas judaicas dedicadas até então principalmente, se não exclusivamente, à vida comercial.

Essa primeira tentativa de colonização judaica por parte das autoridades soviéticas, favorecida por tais condições econômicas, atinge seu auge em ’23-25, mas logo decai e se detém. Entre as causas do insucesso, deve-se colocar, antes de tudo, a inaptidão dos judeus para os trabalhos agrícolas, o que faz com que suas propriedades estejam sempre em um nível inferior.

Mas o golpe mortal contra essa primeira tentativa foi dado pelo próprio governo soviético que, segundo o espírito de seu programa, começou a proteger exclusivamente a organização das coletividades judaicas, deixando de distribuir aos judeus lotes individuais de

terra e chegando até mesmo a reunir em propriedades socializadas as colônias judaicas já organizadas.

Essa última medida provocou uma reação que se traduziu em um retorno bastante notável dos judeus às cidades.

CONTROLE DO MOVIMENTO CULTURAL JUDAICO NA ALEMANHA

A lista telefônica pode ser uma referência interessante para identificar os desenvolvimentos peculiares de determinadas cidades. Quem, em Berlim, fosse atraído por essa espécie de exame e abrisse ao acaso a lista no ponto em que começa a série dos endereços precedidos pelo adjetivo “Judaico” (judaico), certamente ficaria surpreso — eu diria quase atônito — ao constatar a quantidade de espaço absorvida por essas denominações; 6 ou 7 colunas, certamente — círculos judaicos, bibliotecas, cinemas, restaurantes, cervejarias, teatros, estabelecimentos de produção cinematográfica, hospitais, etc.

Fiz menção à surpresa de tal constatação porque geralmente se considera que os judeus desapareceram todos fisicamente da Alemanha, ou que ao menos tenha desaparecido tudo quanto podia recordá-los.

Ao contrário, o Nacional-Socialismo preocupou-se muitíssimo em pôr em evidência toda atividade israelita, isolá-la, circunscrevê-la, refreá-la, para que seguisse uma direção determinada sem se desviar.

Eis o que escreve a esse respeito Hans Diebow no prefácio ao livro “O Eterno Judeu”:

“A lei de Humboldt-Hardenberg para a equiparação dos judeus na Prússia, de 11 de março de 1812, e a lei de Adolf Hitler para a proteção do sangue alemão e da honra alemã, de 15 de setembro de 1935, são o princípio e o fim do domínio absoluto dos judeus na Alemanha. Durante séculos, a população judaica defendeu-se tanto contra a distinção em relação aos alemães quanto contra a assimilação aos alemães. Durante séculos, os judeus conservaram para si a posição privilegiada de um “Estado dentro do Estado”. Justamente aquilo que ajudou os judeus em Moses Mendelssohn nunca quis saber de uma assimilação dos judeus com os germânicos. É inútil, hoje, pensar se o povo alemão teria suportado mais facilmente uma solução biológica dos judeus no sangue germânico, em vez de 130 anos de contínua profanação da raça: os judeus não queriam assimilar-se! Recusaram todas as tentativas de assimilação. Esperava-se que, com os judeus, desaparecesse o problema judaico. Mas os judeus não foram absorvidos. E assim, depois dessa tentativa, na verdade muito perigosa e finalmente fracassada, não restou outra coisa senão o caminho da separação.

Identificar-se com o cidadão de nacionalidade alemã e de religião judaica, isto é, de raça oriental-asiática-etiópica, ou de nacionalidade tita-assíria-babilônica-caldeia-curra-cassita-síria-judaica, e ao mesmo tempo distanciar-se dele, como, inversamente, é possível para a mentalidade adestrada pelo Talmude em relação a nós, isso não é possível para um cérebro alemão. Hoje já não há nenhuma dúvida de que o caminho da separação era a única via possível. De fato, assim como é impossível para o judeu acabar na “barbárie” do sangue germânico (Moses Mendelssohn!), também nós não podíamos nos resignar ao destino de acabar na barbárie judaica. Podíamos nos resignar ao destino de acabar na barbárie judaica”. Todo gênero de atividade: da intelectual à esportiva, da assistencial à recreativa, foi estudado e disciplinado. Na Alemanha, sabe-se hoje exatamente o que um judeu pode fazer e o que lhe é proibido; os setores em que pode gozar da máxima liberdade, aqueles em que tal liberdade é para ele condicionada. Naturalmente, começou-se por identificar exatamente os judeus.

Abordarei a seguir, de modo particular, aquilo que foi feito no seio do Reich para regulamentar a *atividade artística* dos judeus da Alemanha e criar para eles uma organização no âmbito da qual contê-los.

Após o exame de numerosos projetos, pensou-se em criar uma organização judaica nos moldes da “Volksbühne” (literalmente: palco popular), e o encarregado de estudar as possibilidades a esse respeito foi o Comissário Hans Hinkel, então diretor do Conselho teatral prussiano, pelo Ministro da Arte e da educação popular. Ele recebeu a incumbência de tratar com os expoentes culturais judeus sobre uma “Organização cultural para os judeus alemães”, que de fato se constituiu em 3

de julho de 1933, com sede em Berlim. O Comissário Hinkel, de acordo com a polícia de Estado, recebeu a incumbência de acompanhar e controlar a atividade dessa organização. Hinkel impôs, porém, as seguintes condições, que foram aceitas pela organização:

1) nas manifestações artísticas, devia ser admitido um público exclusivamente judeu;

2) as apresentações deviam ser interpretadas exclusivamente por artistas judeus;

3) o pessoal a ser utilizado, de qualquer natureza que fosse, devia ser somente judeu;

4) cada membro da organização devia estar munido de uma carteira de associado com fotografia, com duplicata exata no arquivo;

5) apresentação, para autorização, de todos os textos e programas;

6) crítica e propaganda exclusivamente na imprensa judaica (imprensa que é submetida a rigorosa censura prévia).

Esse tipo de organização cultural começou a surgir em Berlim com o caráter de círculo, dirigido por um Conselho de Administração com atribuições de caráter financeiro e artístico. Uma intensa propaganda foi conduzida no meio judaico berlinense e, no início de outubro de 1933, já havia 13.000 inscrições; foi alugado o teatro "Berliner Theater in der Charlottenstrasse" e foi inaugurado em 1º de outubro com a representação de "Nathan, o Sábio", de Lessing. Desde o primeiro momento, a organização cultural de Berlim se subdividiu nos quatro departamentos seguintes: Prosa, Ópera, Conferências, Concertos. O departamento "Ópera" iniciou sua atividade em novembro de 1933 com "As Bodas de Fígaro", de Mozart; o número de associados chegava, nessa época, a 17.000, assegurando à organização uma base financeira saudável.

Os colaboradores fixos da organização eram cerca de 200, com atividades subdivididas mais ou menos da seguinte forma: Direção Geral, 3; Diretores de departamento, 8; Diretores artísticos, 10; Administração do teatro, 11; Solistas para ópera e prosa, 30; Músicos de orquestra, 40; Coro, 21; Balé, 3; Caixas e cobradores, 26; Pessoal técnico, 10; Pessoal comercial, 12; Guardarrobeiros e zeladores, 26. No que diz respeito à organização interna desta Associação, observamos que todos os sócios pagam a mesma taxa de Rm. 2,50 mensais, com exceção dos menores e dos mutilados de guerra, que pagam a metade, embora usufruam de todos os direitos. A contribuição mensal dá direito a assistir gratuitamente a uma ou duas manifestações mensais; além disso, pode-se assistir às noites extraordinárias, cujo preço de ingresso varia na medida de Rm 1,50.

Quanto à atribuição dos lugares gratuitos, a distribuição deles é feita pelo

sistema de sorteio, subdividindo os lugares, de acordo com sua localização, em três categorias e alternando o próprio sorteio de modo que o sócio tenha a garantia de obter, quatro vezes por ano, lugares excelentes e, quatro vezes por ano, lugares menos bons. A organização cultural, em seu primeiro ano de atividade, levou a cabo o seguinte programa: 10 apresentações de prosa; 4 noites de ópera; 1 noite de balé; 12 concertos; 127 conferências. A afluência do público judeu foi de 49.649 pessoas. No segundo ano de existência, houve o seguinte desenvolvimento: Representações de prosa, 201; Noites de ópera, 69; Concertos, 117; Conferências, 127; noites excepcionais, 21; Apresentações para crianças, 3; Nessa temporada foram apresentados:

"Nathan, o Sábio", de Lessing; "As Bodas de Fígaro", de Mozart; "Otelo", de Shakespeare; "As mulheres curiosas", de Wolf-Ferrari; "Paracelsus", de Schnitzler; "Sonkin com o primeiro prêmio", de Joschkewisch; "Ester", de Grillparzer; "Uma pequena serenata noturna", de Mozart; "O pato selvagem", de Ibsen; "La serva padrona", de Pergolesi; "Os contos de Hoffmann", de Offenbach; "Como Gostais", de Shakespeare; "Tiro ao alvo", de Jap Kool; "Fim de semana", de Noel Coward; "Tempestade em copo d'água", de Bruno Frank; "Gernika", de Stefan Zweig; "Fidelio", de Beethoven; "Os irmãos", de Goethe; "As mulheres sábias" de Molière; "A noiva vendida", de Smetana; "O sonho de Jacó", de Beer Hofmann; "Seis personagens à procura de um autor", de Pirandello; "Nabucco", de Verdi; "Candida", de Shaw; "O jogo no castelo", de Molnar.

Em 1935, a organização alugava outro local, mais amplo e em melhores condições que o antigo. Em abril de 1935, a referida organização mudava sua denominação, adotando a de "Jüdischer Kulturbund Berlin E. V."; o balanço anual da Associação alcançava, nessa época, 650.000 marcos.

Após a formação da sociedade cultural israelita de Berlim, tal ideia tornou-se atual também nas outras grandes cidades do Reich. Surgiram assim organizações e círculos mais ou menos grandes em todos os principais centros, que desenvolvem uma atividade cultural de judeus para judeus. Em Colônia nasceu um segundo teatro judaico, com o consentimento das autoridades competentes; em Frankfurt am Main, a organização tinha uma grande orquestra própria; em Leipzig, Königsberg, Stettin, Breslávia, Mecklenburg, Ostwestfalen, Oberschlesien etc., os círculos e os grupos surgiram em grande número, com características peculiares. As maiores organizações se uniram em uma única associação sob a direção de Berlim, que assumiu o nome de "Reichsorganisation der Jüdischen Kulturbunde".

Dada, porém, a vastidão e a diversidade das organizações judaicas no campo cultural, e considerando que muitas delas não aderiam à união de que se falou, revelou-se difícil e complexo o

trabalho de coordenar a atividade. A organização cultural de Berlim, em particular, já não era capaz de suportar o enorme peso financeiro e organizativo decorrente da tarefa de supervisão que ela devia exercer. Decidiu-se, portanto, resolver a fundo esse problema e, em 27 de abril de 1935, na presença do Comissário governamental Hinkel e de representantes da Polícia de Estado, 27 representantes das principais organizações judaicas do Reich reuniram-se em Berlim para discutir a questão. Surgia assim, definitivamente, a "Reichsverband der Jüdischen Kulturbunde in Deutschland", como organização principal de todas as associações culturais judaicas na Alemanha, com uma direção composta de 17 membros e uma direção administrativa de 8 pessoas. A essa organização deviam aderir obrigatoriamente todos os grupos e círculos judaicos alemães que, sob pena de severas sanções estabelecidas por leis especiais, deviam ajustar-se às instruções da direção central. O Comissário Hinkel, por ordem do Ministro Goebbels, ficou encarregado de acompanhar toda essa atividade e de denunciar eventuais inadimplências para as sanções em seus casos.

Em 15 de agosto de 1935, as várias organizações na Alemanha aderentes à "Reichsverband" eram 92, com 60.000 membros. No ano seguinte à constituição desse organismo central, a atividade total, dividida nos diversos setores, alcançou os seguintes números: Concertos, 350; Conferências, 518; Prosa, 163; Óperas, 57; Arte varia, 190; Exposições e outros, 60.

O número total de pessoas empregadas nessa organização da periferia era, em 1936, de 50 empregados, 630 artistas com contrato fixo e 200 artistas sem contrato. O objetivo principal da Reichsverband de Berlim é manter continuamente os contatos com as autoridades governamentais, apresentando os programas e os pedidos de autorização para apresentações culturais em todas as cidades do Reich, e obter as respectivas permissões. Além disso, a Central serve como órgão de mediação e colocação para todos os trabalhadores intelectuais judeus. A Central, para dar a possibilidade também aos pequenos municípios do Reich de terem, para as comunidades judaicas, representações adequadas, constituiu um teatro itinerante que percorre toda a república com um conjunto de 30 artistas judeus.

Estas são as bases sobre as quais surgiu a organização cultural judaica no Reich, que se desenvolveu cada vez mais até contar atualmente com mais de cento e sessenta sedes em todo o território alemão.

Até este momento, falou-se de atividades essencialmente teatrais, mas, sobre as mesmas bases, funciona também a cinematográfica, com salas próprias de projeção e estúdios de filmagem; o mesmo se diga da disciplina a que está submetida a imprensa e, por fim, além

das atividades intelectuais, de qualquer forma que possa levar à reunião de elementos israelitas: restaurantes, cervejarias e até hotéis etc. Mas voltarei posteriormente a esses outros assuntos com amplos detalhes.

Diretor responsável: TELESIO INTERLANDI